



Instituto**Pólis**

**JUVENTUDE E CULTURA POLÍTICA NO MUNDO URBANO:
O CASO DE SÃO PAULO**

PROJETO OBR 015/2015

ANNA LUIZA SALLES SOUTO

INSTITUTO PÓLIS

1. INTRODUÇÃO

Esse texto apresenta os resultados da pesquisa *Juventude e Cultura Política no Mundo Urbano: o caso de São Paulo*, apoiada pela Oxfam Brasil e realizada pelo Instituto Pólis.

Esse estudo teve por objetivo levantar as percepções das juventudes das periferias paulistanas sobre a cidade e seus distintos territórios, suas práticas de uso e apropriação do espaço urbano, sobre a vivência das discriminações de raça e gênero e o desafio para o exercício de seus direitos. Os conhecimentos produzidos visam subsidiar o debate sobre as políticas públicas e os conflitos vividos pelos/as jovens paulistanos/as no uso e apropriação da cidade, suas demandas e expectativas frente ao futuro.

A pesquisa foi desenvolvida por meio da técnica qualitativa de Discussões em Grupo. Essa técnica possibilita captar a diversidade de opiniões, sentimentos e motivações sobre um determinado tema, bem como mapear a rede de significados e o universo simbólico em que se insere a relação dos indivíduos com a questão em foco.

Pode-se dizer que o grupo é uma forma de compartilhar e cotejar ideias e valores, constituindo-se em um espaço privilegiado para fazer aflorar a voz dos/as jovens entrevistados/as e identificar nuances do seu discurso.

Por meio das Discussões em Grupo buscamos levantar as representações dos/as jovens sobre São Paulo, as suas percepções sobre o ser jovem na cidade, as oportunidades e entraves para a vivência da sua condição juvenil, além das situações de discriminação vividas no seu cotidiano.

As Discussões em Grupo foram realizadas com base em um roteiro, utilizado não como um questionário, mas como estímulo para provocar a manifestação dos/as entrevistados a respeito dos temas focados, sempre considerando que questões formalmente idênticas não têm o mesmo significado para indivíduos diferentes. “Respostas diferentes revelam o estoque de argumentos que os/as participantes acionam para se expressar e se posicionar”¹. Mais interessante ainda foi perceber o posicionamento de jovens homens e mulheres, dos segmentos mais novos e mais velhos e mapear as diferenças entre eles.

Inicialmente, projetamos a realização de oito Discussões em Grupo. Para melhor captar a situação das jovens mulheres e o impacto produzido pela questão racial, foram realizados seis grupos com participantes de ambos os sexos, um só com jovens mulheres que se autodeclararam de cor/raça branca e outro grupo só com aquelas que se declararam negras (pretas e/ou pardas). Com o intuito de aprofundar o olhar sobre a questão racial, optamos por fazer um grupo adicional só com mulheres autodeclaradas de cor/raça preta.

Os grupos foram compostos por jovens moradores/as da periferia das regiões Norte, Sul, Leste e Oeste e foram assim constituídos:

¹ Considerações sobre a metodologia feitas com base no documento de trabalho do projeto “Juventude e Integração Sul-americana: diálogos para a construção da democracia regional”, coordenado pelo Ibase e Instituto Pólis. Novaes, Regina e Ribeiro, Eliane. “Grupos Focais, considerações sobre usos, alcance e limites de uma técnica de pesquisa” – mimeo.

- ✓ dois grupos mistos de jovens com idades entre 15 e 17 anos
- ✓ dois grupos mistos de jovens com idades entre 18 e 24 anos
- ✓ dois grupos mistos de jovens com idades entre 25 e 29 anos
- ✓ um grupo de jovens mulheres entre 18 e 24 anos de idade e autodeclaradas de cor/raça branca
- ✓ um grupo de jovens mulheres entre 18 e 24 anos de idade e autodeclaradas de cor/raça negra
- ✓ um mini grupo de jovens mulheres entre 18 e 24 anos de idade e autodeclaradas de cor/raça preta.

As Discussões em Grupo foram realizadas entre os dias 28 de novembro e 4 de dezembro de 2015. Elas foram registradas por meio de áudio e depois transcritas com vistas a preservar a riqueza das informações posteriormente sistematizadas e analisadas.

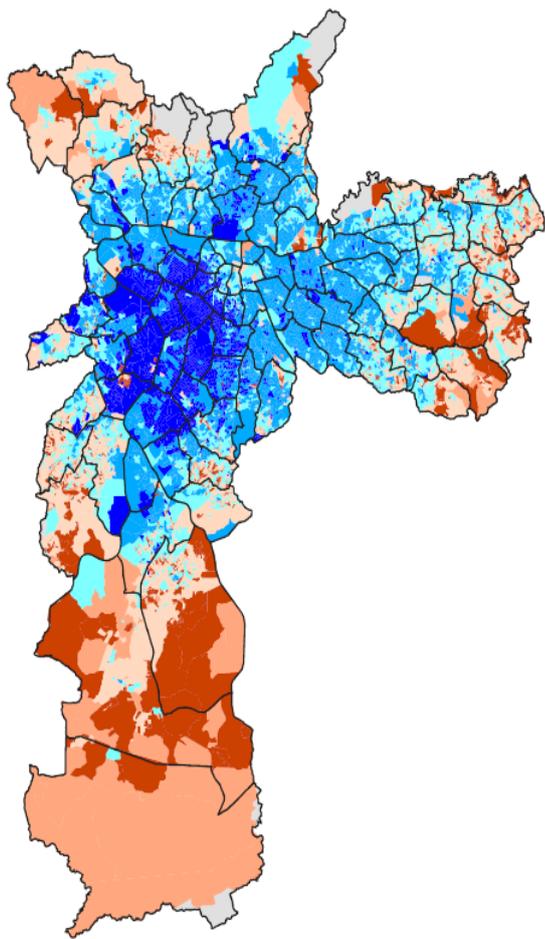
2. ALGUNS DADOS SOBRE AS DESIGUALDADES DAS JUVENTUDES PAULISTANAS

São Paulo é um município de 11,2 milhões de habitantes, dos quais mais de um quarto são jovens que têm entre 15 e 29 anos. Segundo o Censo 2010 do IBGE, são cerca de 2,9 milhões de pessoas (25,8%) desta faixa etária vivendo na capital paulista. De acordo com a mesma pesquisa, 37% do total população paulistana se declararam preta ou parda. A espacialização destes dados mostra que a população mais jovem (de 15 a 29 anos) e a população preta e parda se concentram mais nas áreas periféricas do que nas zonas centrais da cidade de São Paulo.

As regiões de São Paulo onde a população jovem e negra está menos presente coincidem com aquelas onde a renda média domiciliar é mais elevada, o que, na capital paulista, corresponde ao quadrante sudoeste do município. Embora o quadrante sudoeste também integre a área central, esta costuma ter índices socioeconômicos mais semelhantes ao de bairros das periferias em alguns casos. Esta também é a região (descontando as áreas de mananciais ao sul e da Serra da Cantareira ao Norte) onde a densidade populacional é menor.

O mapa do IPVS², que mede o grau de vulnerabilidade social de cada local, mostra que as áreas onde mais se concentram pessoas jovens e de cor preta ou parda são aquelas com alto nível de vulnerabilidade. Este índice é mensurado por uma escala de 1 a 6 e quanto maior o número, maior também é o nível de vulnerabilidade social dos moradores daquela localidade.

² Índice Paulista de Vulnerabilidade Social, elaborado pelo SEADE – Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados.



- Nenhuma vulnerabilidade (grupo 1)**
 Setores censitários que apresentam melhor situação socioeconômica (muito alta); os responsáveis pelo domicílio possuem os mais elevados níveis de renda e escolaridade. Apesar de o estágio das famílias no ciclo de vida não ser um definidor do grupo, seus responsáveis tendem a ser mais velhos; é menor a presença de crianças pequenas bem como o número de moradores nos domicílios, quando comparados à média verificada para o conjunto do Estado.
- Vulnerabilidade muito baixa (grupo 2)**
 Setores censitários que se classificam em segundo lugar, no Estado, em termos da situação socioeconômica (média ou alta). Nessas áreas concentram-se, em média, as famílias com uma composição que as identifica como mais velhas.
- Vulnerabilidade baixa (grupo 3)**
 Setores censitários que se classificam nos níveis altos ou médios da dimensão socioeconômica; seu perfil demográfico caracteriza-se pela predominância de famílias jovens e adultas.
- Vulnerabilidade média (grupo 4)**
 Setores censitários que se situam nos níveis médios na dimensão socioeconômica, encontrando-se em quarto lugar na escala em termos de renda e escolaridade do responsável pelo domicílio. Nesses setores concentram-se famílias jovens, isto é, com forte presença de chefes jovens (menos de 30 anos de idade) e de crianças pequenas.
- Vulnerabilidade alta (grupo 5)**
 Setores censitários que possuem as piores condições na dimensão socioeconômica (baixa). Este grupo, juntamente com o grupo 6, apresenta os chefes de domicílio com os mais baixos níveis de renda e escolaridade. Concentra famílias mais velhas, com menor presença de crianças pequenas.
- Vulnerabilidade muito alta (grupo 6)**
 Como no grupo anterior, estes setores censitários apresentam as piores condições em termos da dimensão socioeconômica (baixa), mas com a diferença de mostrarem grande concentração de famílias jovens. A combinação entre chefes jovens, com baixos níveis de renda e de escolaridade e presença significativa de crianças pequenas permite inferir ser este o grupo de maior vulnerabilidade à pobreza.
- Sem informação**

Este padrão territorial de distribuição demográfica também encontra algum paralelo com o padrão desigual de urbanização na cidade de São Paulo. Embora a cobertura de água e esgoto encanados esteja muito mais abrangente do que nas décadas anteriores, ainda é possível observar resquícios da distribuição desigual destes serviços. De acordo com o último Censo, as poucas áreas em que a cobertura da rede de abastecimento de água e de esgotamento sanitário não chega aos 75% estão localizadas nas áreas mais periféricas do município de São Paulo.

A mesma análise pode se estender a outras leituras acerca do padrão de urbanização da cidade de São Paulo no que se refere à distribuição de equipamentos urbanos culturais. Este tipo de equipamento urbano, público ou privado, tem uma concentração muito maior na área onde também se concentram as camadas de maior renda do município.

As taxas de crimes violentos como homicídio doloso também são maiores nas áreas mais periféricas. Apesar da queda entre 2000 e 2005, o padrão de concentração deste tipo de violência urbana continua o mesmo³.

³ Meu agradecimento a Vitor Nisida, do Instituto Pólis, pelo levantamento desses dados sobre SP.

O Mapa da Juventude da Cidade de São Paulo⁴, ao analisar as condições de vida dos jovens residentes nos distritos do Município, ratifica as gritantes desigualdades vigentes entre as juventudes paulistanas. Segundo esse estudo, “os distritos situados mais perto da região central possuem uma participação menor de jovens (e com taxas de crescimento negativo da população jovem), maior participação de mulheres jovens em relação aos homens jovens, participação bem maior de população branca jovem, também maior proporção de jovens solteiros, maior chefia feminina e as mais altas rendas médias mensais do responsável, assim como maiores rendas domiciliares per capita. Entretanto, os distritos localizados nas áreas mais afastadas do centro da capital paulista, como Marsilac, Parelheiros, Jardim Ângela (região sul) e Jardim Helena, Lajeado e Cidade Tiradentes (extremo leste), possuem uma população com maior participação de jovens, maior participação de população negra jovem, maior chefia negra do domicílio, maior participação de chefia masculina do domicílio, e renda média menor em comparação com os distritos localizados mais na área central do município”.

Esse estudo aponta a profunda desigualdade entre as regiões mais centrais e aquelas mais periféricas e destaca que “a renda média do responsável pelo domicílio é um exemplo evidente disso. Enquanto a renda média do responsável jovem chegava a R\$ 8.750, em 2010, em Itaim Bibi (área mais central), nos distritos da área sul não chegava a R\$ 1.000 no mesmo ano”.

⁴Mapa da Juventude da Cidade de São Paulo. Unicamp/SMDHC- Prefeitura de São Paulo. 2014. Disponível em <https://www.portaldajuventude.prefeitura.sp.gov.br/noticia/mapa-da-juventude-de-sao-paulo/>

3. O OLHAR DOS/AS JOVENS SOBRE A CIDADE DE SÃO PAULO

“Ao mesmo tempo em que São Paulo gera sentimentos ruins, gera sentimentos bons. Querendo ou não, nós somos carentes em diversas situações, mas a gente não tem cidade mais linda que a nossa. Aprendemos a conviver com ela”. (grupo 5 misto, 25-29 anos)

“Apesar dos pesares, tem muitas coisas boas aqui”. (grupo 9 mulheres brancas, 18-24 anos)

“Tirando os defeitos, São Paulo é bom” (grupo 4 misto, 18-24 anos)

Ao descreverem São Paulo, algumas palavras são recorrentes: *“populosa”, “movimentada”, “caótica”, “cidade que não para”, “desorganizada”, “onde tudo acontece”*. O ritmo intenso da cidade é tido como estressante, ao mesmo tempo em que atrai, fascina: *“eu sou viciada em São Paulo. Quando vou para o interior sinto falta dessa loucura”*. Essa intensidade parece estar associada não apenas à acelerada dinâmica vigente no mundo do trabalho e no cotidiano dos/as paulistanos, mas também às múltiplas oportunidades que a cidade oferece. Essa ampla oferta condiz com a imagem de uma São Paulo *“ativa, agitada de domingo a domingo”*, passível de usufruto dia e noite.

São Paulo é considerada rica em opções de passeio, de compras, estudos, cultura, lazer e emprego. Nesse último caso, embora alguns/as jovens assinalem que a situação se agravou nesses últimos dois anos, é consenso que ainda assim a cidade, nesse quesito, está em melhores condições do que as demais.

“Acho que o ponto positivo é que São Paulo é uma cidade que não para, não dorme, então se você precisa de qualquer coisa, tem... emprego também tem, porque tem lugares, estados que é difícil. Aqui só não trabalha quem não quer, porque é só procurar. Às vezes não é o que a gente quer de salário e nem os horários, mas emprego tem”. (grupo 3 misto, 18-24 anos)

“Aqui o desemprego é menos do que em outros estados menos desenvolvidos”. (grupo 1 misto, 15-17 anos)

“Quando eu olho para São Paulo, eu não vejo só coisas ruins. Eu gosto de ver as coisas boas, porque aqui tem muita coisa legal, muitas coisas incríveis. A gente tem várias oportunidades de emprego, para estudar, para passear, para conhecer pessoas novas. Ela tem uma grande diversidade, ela é muito rica em vários aspectos, mas também ela é inacreditável por existir muitas coisas erradas aqui”. (grupo 2 misto, 15-17 anos)

“Aqui até que oferece bastante coisa pra gente: Bilhete Único que muda a vida da gente, meio de transporte fácil, tudo bem que é lotado... Tem parques, tem milhões de baladas, tem facilidade para quem quer estudar...” (grupo 3 misto, 18-24 anos)

“As baladas de São Paulo são boas. Com certeza sempre tem um pagodinho em algum lugar, shopping tem bastante, barzinhos legais...” (grupo 6 misto, 25-29 anos)

“Muitos teatros, centro cultural, parques, várias coisas assim voltados para a cultura e tem bastante coisa de graça”. (grupo 9 mulheres brancas, 18-24 anos)

As oportunidades existentes na cidade são extremamente valorizadas pelos/as jovens entrevistados. São citadas, entre outros, as ofertas na área cultural, com vários museus e teatros, alguns com entrada gratuita; no que se refere ao lazer, são mencionados os inúmeros bares, shows, baladas para todos os gostos e bolsos; para além das diversas faculdades, há cursos em várias áreas tais como informática, artes, ETECs, FATECs, gastronomia etc. Os CEUS integram esse rol como equipamentos de lazer/ esporte e cultural, sendo muito prestigiados.

As praças em bairros e/ou nas áreas centrais são outro aspecto positivo. A existência de rede WIFI em algumas delas agrega valor a esses espaços e traços de modernidade a São Paulo.

Valorizada igualmente pelos seus pontos turísticos que atraem inclusive visitantes de outras cidades, o Ibirapuera, a Avenida Paulista, os demais parques, o MASP e os shoppings, entre outros, são citados como locais bonitos e emblemáticos da cidade, sua porção rica e vistosa, mas não preponderante, como veremos a seguir. Chama atenção a menção, ainda que em menor grau, aos grafites que guarnecem os pilares de pontes, viadutos e muros da cidade, tidos como um diferencial que embeleza o visual urbano.

Sob outra ótica, São Paulo se destaca sobremaneira pela sua diversidade: de raças, de povos, de culturas e no que toca à gastronomia. A diversidade se impõe como uma marca da cidade, como um valor prezado por todos/as participantes da pesquisa, reforçando os traços de uma metrópole cosmopolita, por vezes vista como *“acolhedora”*, mas que nem sempre convive bem com essa pluralidade de raças e povos.

Bolivianos, haitianos e angolanos, por exemplo, não são bem vistos por todos/as. Alguns/as jovens manifestam o seu preconceito em relação a esses imigrantes e argumentam que *“aqui no Brasil eles deixam entrar qualquer pessoa e nos outros países não deixam. Então eles vem aqui e tiram um dinheiro que a gente poderia estar ganhando... porque você já viu o que os bolivianos fazem na rua? No Brás, na Sé, em todos os lugares eles pegam mercadoria ilegal, sem etiqueta, sem nada e saem vendendo na rua barato, queimando as lojas. Várias lojas fecharam por causa disso”.* (grupo 1 misto, 15-17 anos)

“O pessoal de fora vem pra cá. São negros angolanos, mas eles não são bem aceitos. Mas se ele for branco, português, loiro, americano, ele é bem aceito”. (grupo 8 mulheres pretas, 18-24 anos)

“São Paulo é uma cidade preconceituosa. Tem muito preconceito com boliviano. Eles apanhavam direto. Toda semana tinha um que apanhava, tinha morto. Outro exemplo: o nordestino vem lá da Bahia. É difícil ele encontrar emprego numa empresa. Tem que virar pedreiro, faxineiro. É difícil ele conseguir alguma posição”. (grupo 9 mulheres brancas, 18-24 anos)

Não obstante tal posicionamento, de cunho mais pontual, a diversidade étnica e cultural é bem vinda. Mais do que isso, ela alimenta a curiosidade, manifesta com recorrência, de conhecer melhor a cidade, desvendar seus diferentes territórios e o mosaico de culturas e povos aqui existentes. Ou seja, não raro a fala dos/as jovens deixa entrever o desejo de se apropriar da cidade e da riqueza da sua diversidade. A Avenida Paulista desponta para muitos/as participantes da pesquisa como lócus que expressa esta faceta da diversidade paulistana, nesse caso, de estilos/tribos, de expressões artísticas visíveis especialmente nos domingos etc. *“Conhecer pessoas novas, coisas novas”* é uma frase corriqueira dos/as jovens ao discorrerem sobre as vantagens de se morar em São Paulo.

“A Paulista é bem legal. Tem aqueles prédios bonitos, diferentes... o movimento lá é interessante porque você vê várias pessoas diferentes, um pessoal com umas roupas assim estranhas. Eu gosto de lá porque é bem calmo. Lá perto de casa é um monte de moto sem escapamento e quando vem aqui pro centro não vê nada disso”. (grupo 1 misto, 15-17 anos)

“É uma cidade que tem bastante diversidade, tem uma pluralidade, consegue ter bastante gente de etnias diferentes, os bairros também tem essa diferença por conta de classe social”. (grupo 7 mulheres pardas/pretas, 18-24 anos)

“A sensação que eu tenho é de curiosidade. Quando eu era motoboy eu adorava ir na Zona Leste, Zona Sul, porque é diferente de um lugar pra outro. Dá vontade de conhecer a cidade inteira. Você anda por aí e vê nigeriano, boliviano, baianos, cearenses; tem um pouquinho de tudo, sotaques diferentes. Eu acho surpreendente. É bem legal!” (grupo 6 misto, 25-29 anos)

“São Paulo me dá a sensação de alegria no sentido de você conhecer bastante coisa mesmo! De conhecer pessoas novas, de conhecer mais gente, de conhecer coisas novas e aqui sempre acaba acontecendo isso”. (grupo 2 misto, 15-17 anos)

“Tem muitos pontos de São Paulo que eu não conheci ainda. Então pra mim tenho essa curiosidade” (grupo 4 misto, 18-24 anos)

“Essa cidade me dá medo e curiosidade. A gente fala dos bolivianos que vem de fora e a gente quer pesquisar porque eles andam assim, se vestem assim... você vê a Augusta, é legal você ver coisas desse nível. Muita gente acha que as coisas boas estão fora do Brasil, mas você acaba conhecendo lugares assim, coisas boas e lugares que a gente nunca viu”. (grupo 8 mulheres pretas, 18-24 anos)

Pelos aspectos acima citados, São Paulo “encanta”, deslumbra”. No entanto, na mesma medida também gera “raiva” e “revolta”.

3.1. UMA CIDADE PERIGOSA E DESIGUAL

“Se eu morasse na Noruega, na Finlândia, na Suécia ia ser ótimo. Naqueles países não tem mendigo, a classe é tudo igual, os governos são bons, a saúde é boa e é tudo bom por lá. Porque aqui tem gente que mora na favela, tem gente que mora nos condomínios mais ou menos e tem gente que mora numa casa luxuosa, em condomínios de luxo”. (grupo 1 misto, 15-17 anos)

“Se você tem condições melhores, pode ter certeza que a atenção a você vai ser bem mais favorável”. (grupo 5 misto, 25-29 anos)

“A violência está demais. Você sai na rua e não sabe se volta. Você está exposto a tudo. Está pondo a cara para bater”. (grupo 9 mulheres brancas, 18-24 anos)

Assim como já esperado, a violência é citada como um dos graves problemas que comprometem a qualidade de vida do/a paulistano/a. Essa percepção condiz com o registrado em vários estudos sobre as juventudes brasileiras, em que a violência ocupa lugar de destaque entre os problemas do país⁵.

Na pesquisa *Agenda Juventude Brasil*⁶, realizada em 2013, a violência aparece igualmente no topo das preocupações dos jovens, mencionada espontaneamente por 43% dos entrevistados, sinalizando o quanto essa experiência figura como um marco dessa geração. Mais contundentes

⁵ Ver Instituto Cidadania, 2004; IBASE/PÓLIS, 2007 e Abramo, H., (coord.); Souto, A. L., (coord.). Pesquisa sobre juventudes no Brasil. Relatório Nacional Brasil – Projeto Juventudes sul-americanas: diálogos para a construção da democracia regional. 2009. 141p. (disponível em: www.polis.org.br)

⁶ A pesquisa *Agenda Juventude Brasil* ouviu 3 300 jovens de idades entre 15 e 29 anos, distribuídos em 187 municípios brasileiros. A pesquisa foi a campo entre abril e maio de 2013, sendo estatisticamente representativa do universo de população jovem do país. *Agenda Juventude Brasil – Pesquisa Nacional sobre Perfil e Opinião dos Jovens Brasileiros*. 2013. Relatório disponível em <http://juventude.gov.br/participatorio>

e dramáticos são os dados que permitem visualizar o peso da violência na vida dos jovens. Conforme Relatório Preliminar da pesquisa, “metade deles já perdeu uma pessoa próxima (parente ou amigo) de forma violenta: por acidente de carro ou homicídio. Ao separar, dentre as causas de morte, aquelas que se referem a assassinatos, teremos que ¼ da população jovem do Brasil carrega a condição de ter tido uma pessoa muito próxima vítima de homicídio. (...) Observa-se que as vítimas, na maioria dos casos, são amigos, irmãos, primos ou tios desses jovens, ou seja, companheiros de geração. O mesmo dado também pode indicar que esse fenômeno de jovens que perderam amigos e conhecidos está relacionado, em muitos casos, com o contexto socioespacial, ou seja, o local de moradia e as relações estabelecidas para além das relações familiares”⁷.

Na pesquisa aqui em foco, para além dos inúmeros relatos de roubos e furtos de que foram vítimas, as falas dos/as jovens sobre essa “*cidade perigosa*” revelam que o medo se impõe como um entrave ao usufruto da cidade e das atrações que ela oferece. Nesse contexto, há lugares interditos: a Cracolândia, a Sé, o Brás e a região central de São Paulo em geral são locais que intimidam quer pela presença de “*nóias*”, quer pela concentração de roubos, pela presença de moradores de rua, da pobreza. Alguns bairros também se incluem nesse rol como, por exemplo, certos “*becos*” da Brasilândia, ou mesmo o próprio local de moradia, tal como mencionado por alguns/as participantes. Nos dois grupos mistos de idades entre 15 e 17 anos, a violência é citada como um obstáculo ao ir e vir, à livre circulação pela cidade.

“Às vezes a gente mora em lugares que, por exemplo, é perigoso. A gente não pode sair de madrugada pra trabalhar ou ir para a escola quando está escuro. Isso fica meio a desejar. A gente não pode sair porque fica com medo de ser assaltada, ser morta”. (grupo 1 misto, 15-17 anos)

“Minha preocupação é que eu não sei se vou estar vivo amanhã. Então você tem esse medo”. (grupo 1 misto, 15-17 anos)

“O centro de São Paulo, se você olha por cima, você fala; ‘nossa, que bonito!’ Mas quando você vê mesmo, olhando embaixo é um lugar completamente sujo, sem higiene, um cheiro horrível, moradores de rua, você vê de tudo...” (grupo 2 misto, 15-17 anos)

“Que nem a Estação da Luz. É lindo, mas eu morro de medo porque você vê um monte de nóia lá jogado, um monte de morador de rua. É uma cena que choca. A Praça da Sé é outra que você vê aquela fotona linda, mas chega lá é um monte de nóia, aquele cheiro...” (grupo 9 mulheres brancas, 18-24 anos)

“Eu moro no Capão. É muito feio. Esgoto a céu aberto, um monte de viela como fala na música dos Racionais. Ali na Zona Sul é o ninho de cobra. Tem que tomar muito cuidado com quem você anda, com quem você fala, com quem você mexe”. (grupo 5 misto, 25-29 anos)

⁷ Agenda Juventude Brasil – Pesquisa Nacional sobre Perfil e Opinião dos Jovens Brasileiros. 2013 – Relatório disponível em <http://juventude.gov.br/participatorio>

“Na Brasilândia, perto da Capadócia, tem uns lugares ali que é meio sinistro, mal iluminado, não tem policiamento. Parece que não tem regra de trânsito, é meio abandonado, a gente já vê pelo nome: Arábia, Iraque, Favela do Pó, Jardim do Tiro...” (grupo 6 misto, 25-29 anos)

A indignação frente à violência crescente na cidade frequentemente se faz acompanhar pela discussão sobre as “regalias” conferidas aos presos, sobre a necessidade de leis mais rígidas para conter a criminalidade e a defesa da redução da maioridade penal. Cabe destacar que num dos grupos essas questões foram colocadas justamente por duas participantes cujos irmãos eram infratores (um cumprindo medida socioeducativa na Fundação Casa, outro no sistema prisional comum), o que denota o quão arraigados estão valores de cunho conservador/reacionário entre a juventude e o quanto temos que avançar na construção e na disputa de narrativas que enfrentem essas (e outras) questões e fortaleçam o ideário centrado na defesa de direitos e da cidadania.

Ainda no contexto das discussões sobre a violência e a criminalidade, alguns participantes do sexo masculino pontuam que se sentem mais seguros no bairro onde residem, pois conhecem os “bandidos”, muitas vezes cresceram com eles, e se algum roubo houver, eles sabem onde recuperar o objeto roubado. A tênue linha que separa o mundo legal e o mundo do crime se faz visível nessa e em outras falas dos entrevistados, sinalizando o grau de proximidade entre integrantes da contravenção e jovens moradores de territórios marcadamente precários, segregados em múltiplas e perversas dimensões e violento no seu cotidiano⁸. A familiaridade dos jovens com os chefes do crime organizado se faz igualmente notar ao descreverem o cotidiano do bairro, corroborando as análises de Gabriel Feltran em seus estudos sobre mudanças nas dinâmicas sociais da periferia de São Paulo⁹. Para o autor, “todas as esferas tradicionalmente legítimas nas periferias da cidade – a família, a religião, o trabalho, o consumo, a representação política etc – passam a se relacionar mais diretamente com essa esfera de sociabilidade conhecida como “mundo do crime” que se expande em torno dos mercados ilegais e ilícitos transnacionais, cujas pontas de varejo estão cravadas nesses territórios”. (p.361)

Os depoimentos abaixo exemplificam o atual cenário das periferias tão bem analisadas por Feltran e atestam que, em muitos casos, cabe ao “comando” assegurar a ordem e pacificar o território, às vezes à custa de muita crueldade.

“Lá na minha quebrada, eles também não assaltam não. Uma vez, eu e meu primo fomos assaltados. Daí nós pegamos a moto e descemos na viela onde os

⁸ Vide Kowarick, L. e Marques, E. (orgs). São Paulo: Novos Percursos e Atores. São Paulo. Editora 34, 2011. 398p.

⁹ Feltran, G. Transformações sociais e políticas nas periferias de São Paulo, in Kowarick, L. e Marques, E. (orgs). São Paulo: Novos Percursos e Atores. São Paulo. Editora 34, 2011. 398p.

caras comandam. Falamos com eles e fomos atrás dos caras na outra favela. Eles conversaram com os caras lá e deu certo... tem vezes que o cara rouba você e aí você vai na biqueira e acha seu celular, seu tênis...” (grupo 1 misto, 15-17 anos)

“No meu bairro, acho que nunca vi um assalto. Acho que se assaltar o cara morre na hora. Os caras tiram a arma do nada e qualquer pessoa que mexer com a gente eles metem bala”. (grupo 1 misto, 15-17 anos)

“O pessoal da quebrada não rouba o pessoal da quebrada. Eles cuidam mais que a polícia. Eles cuidam do bairro, valorizam o lugar que tem, porque a maioria das pessoas que está no comando nasceram lá, estão lá desde pequenos. Você pode sair a hora que você quiser e mesmo sabendo que é nóia, que fuma, você sabe que não vai mexer com você”. (grupo 1 misto, 15-17 anos)

“Teve outra vez também que o cara mexeu com a mulher do outro e ele pegou e atirou no cara e depois matou a mulher e deixou os dois juntos amarrados no poste. É o Comando, o PCC, esses negócios...” (grupo 1 misto, 15-17 anos)

Para os/as jovens participantes da pesquisa, é impossível falar de violência sem se referir à Polícia Militar. São inúmeros os relatos de abordagens truculentas, feitas sobretudo, mas não exclusivamente, aos jovens do sexo masculino, assim como a denúncia do grau de corrupção e das contravenções e violências praticadas por membros da corporação.

“É uma cidade que não dá liberdade para os jovens, porque os jovens não podem sair nas ruas que eles são assaltados ou vem alguém e mata. Tipo os policiais... às vezes o policial chega, rouba e mata a gente. Lá perto da minha casa os policiais fumam maconha, cheiram, eles roubam celulares. Eles falam: ‘vai, passa o celular, maluco, vai logo seu Mané’. Eles xingam você de um monte de coisa”. (grupo 1 misto, 15-17 anos)

“Lá na minha quebrada onde eu moro, nós temos mania de sair tipo 10 horas da noite para andar de bicicleta. Daí a viatura parou a gente e nós tivemos que ir embora com a bicicleta para casa porque eles furaram os pneus. Eles enfiam a faca até em moto... eles invadem o baile funk e batem...” (grupo 1 misto, 15-17 anos)

“A casa noturna que eu trabalhei, eles faziam festa open house para menores de idade e os PMs passavam lá para recolher a grana deles no final da noite”. (grupo 9 mulheres brancas, 18-24 anos)

Outro aspecto bastante recorrente nas falas sobre São Paulo é o grau de desigualdade e de preconceito reinantes na cidade.

A desigualdade é por muitos vista como um traço marcante da cidade. Segundo os/as jovens entrevistados, essa desigualdade é visível a olhos nus e se expressa sob diversas formas. A

desigualdade se manifesta na disparidade entre territórios/bairros da cidade; na distinta qualidade dos serviços prestados pela iniciativa privada e setor público, a exemplo da educação e saúde; entre brancos e negros; na abordagem diferenciada da PM para com jovens ricos e pobres; desigualdades de renda entre ricos e pobres; de gênero, expressa pela diferença de salário entre homens e mulheres...

O tom das falas aponta que a desigualdade, sobretudo sócio territorial e de renda, é de tal ordem que chega a agredir. Ela está presente no discurso dos/as jovens de todos os grupos, alimenta calorosas discussões e, no mais das vezes, gera uma profunda indignação. Alguns/as, de maneira simples e direta, concluem: *“se for analisar tudo, o que mais pesa é a desigualdade entre ricos e pobres”*. (grupo 3 misto, 18-24 anos)

“Minha mãe trabalha perto da Berrini e ela passa no hospital lá porque ela fica mais no trabalho do que em casa. Se você vir o hospital público que ela passa, é melhor do que particular. Ela passa nuns 15 médicos, ela vai até fazer cirurgia plástica, tudo pelo SUS. Mas é porque é no Morumbi, lá é a maior assistência... aí que entra a desigualdade”. (grupo 3 misto, 18-24 anos)

“Das Clínicas, eu não tenho do que reclamar. Fui super bem tratado. Mas se você procurar um hospital na periferia, não é da mesma forma”. (grupo 5 misto, 25-29 anos)

“Acho que tem uma desigualdade porque quando você vai o Morumbi, na Giovanni Gronchi, numa parte você só vê mansão, numa outra parte a periferia. Você passa numa rua do Morumbi tem um buraco, no outro dia está tampado. No lugar onde eu moro, apareceu um buraco lá, a água saindo, é dois, três meses se arrastando e não cobre, não faz nada... Outra coisa: pelos extremos da Zona Norte, Zona Leste, tudo vai ficando mais feio: as casas vão ficando diferente, os tipos de carro que você encontra na periferia... passa da ponte para lá é outro tipo de vida”. (grupo 6 misto, 25-29 anos)

“No caso da PM, por exemplo, se for um maloqueiro passando com o som bem alto num golzinho velho, eles falam: ‘vai, desce!’ Agora o cara numa BMW eles falam: ‘por favor, dá para você descer?’ Falam na maior educação”. (grupo 1 misto, 15-17 anos)

“Na questão da polícia, a gente também vê a desigualdade. Em bairro nobre eles chegam com educação; na periferia eles chegam batendo, até droga eles usam para prejudicar a pessoa na periferia. Tem também o racismo, a desigualdade entre negro e branco”. (grupo 6 misto, 25-29 anos)

Em muitos casos, o tema da desigualdade social surge logo no início das discussões, o que revela a dimensão desse problema na cidade e também o grau de sensibilidade dos jovens diante dele. A maior sensibilidade da juventude frente às disparidades sociais apareceu como um traço

distintivo entre os segmentos adulto e juvenil no estudo Juventudes Sul-americanas¹⁰. Da mesma forma, na pesquisa Agenda Juventude Brasil¹¹ a desigualdade entre pobres e ricos é apontada como terceiro maior problema do país (entre uma lista de problemas listados), com 42% de menções. São Paulo, com toda a sua pujança, parece deixar ainda mais explícita as gritantes desigualdades entre ricos e pobres. São inúmeras as alusões sobre as diferenças entre as áreas mais centrais e as regiões periféricas, onde habitam os jovens participantes da pesquisa. Nesse contexto, o shopping Center Iguatemi aparece simultaneamente como ícone da riqueza e da desigualdade da cidade. Há muitos relatos sobre os constrangimentos impostos aos jovens que visitaram ou trabalham nesse local.

“Trabalhei cinco anos no shopping Iguatemi. Você se sente totalmente mal de entrar naquele shopping. É como se fosse um mundo diferente. Se você entra, o segurança já está atrás de você... No meu ponto de vista, eles pensam: ‘o que esse rapaz está fazendo aqui?’ ... Eles ficam atrás da pessoa, tipo, ‘vaza daqui’. Você se sente constrangida... No Mc Donald’s eles ficam esperando o pobre terminar de comer para levar até a porta da saída para ver se não vai roubar nada. Com o rico eles não estão nem aí”. (grupo 5 misto, 25-29 anos)

A imagem de uma cidade de “extremos”, de “contrastos” se faz presente no discurso dos/as jovens entrevistados, mas com ênfases distintas. Para alguns deles/as, ela se sobrepõe às tão decantadas oportunidades aqui existentes e, nesse caso, as distintas possibilidades de acesso aos benefícios oferecidos sinalizam e reforçam as gritantes desigualdades sociais da cidade. A isso se segue a percepção de que, não obstante as diversas ofertas de cunho gratuito, São Paulo “é desigual sim porque quando você tem mais dinheiro você aproveita mais coisas; as portas estão mais abertas para quem tem dinheiro do que para quem não tem”. (grupo 3 misto, 18-24 anos)

3.2 UMA CIDADE PRECONCEITUOSA E INTOLERANTE

“Pra mim, se eu fosse dono do mundo, não existiria mendigo, seria todo mundo da mesma classe. Todo mundo tinha

¹⁰ Abramo, H., (Coord.); Souto, A. L. S., (Coord.). Pesquisa sobre juventudes no Brasil. Relatório Nacional Brasil – Projeto Juventudes sul-americanas: diálogos para a construção da democracia regional. 2009. 141p. (disponível em: www.polis.org.br)

¹¹ Agenda Juventude Brasil – Pesquisa Nacional sobre Perfil e Opinião dos Jovens Brasileiros. 2013 – Relatório disponível em <http://juventude.gov.br/participatorio>

dinheiro, todo mundo! Por que eu acho errado isso, tipo, os ricos tem preconceito com a gente, porque eles são de outra classe e a gente é da perifa. Eles julgam a gente". (grupo 1 misto, 15-17 anos)

"Em São Paulo não tem tolerância... é tolerância zero! Existe uma parcela da sociedade que acha 'já que não é igual a mim, então ele tem que morrer'". (grupo 2 misto, 15-17 anos)

A percepção da desigualdade se faz acompanhar pela identificação do forte preconceito presente na cidade. Desigualdade e discriminação, tal como duas faces da mesma moeda, conformam uma única e dura realidade para esses jovens, marcada pela exclusão e pela violação de direitos.

A questão racial emerge com muita força em todos os grupos, mais ainda naqueles compostos por mulheres autodeclaradas pardas e/ou pretas. Nesse caso, a menção às discriminações de raça surge já no início das discussões e estas perpassam boa parte do discurso sobre a cidade e sobre o ser jovem em São Paulo.

"As pessoas tem preconceito com tudo o que é diferente. Se você tem a cor da sua pele muito diferente, se você tem seu cabelo muito diferente, se você tem o olho mais puxado, você sofre!". (grupo 7 mulheres pardas/pretas, 18-24 anos)

Em todos os grupos, é unânime a percepção dos estigmas e das representações negativas dos/as jovens negros/as na sociedade. Essa questão será retomada mais à frente, mas por ora cabe registrar que outra marca distintiva da cidade é o preconceito, o racismo e as discriminações de toda ordem.

"A maior quantidade de pessoas que moram na periferia são negros, por falta de oportunidade. Se você for numa favela, vai ver mais negros. Se for no Morumbi, vai ver mais brancos. Entendeu? (grupo 5 misto, 25-29 anos)

"Para a polícia, qualquer homem negro é bandido. Polícia pega mais os jovens negros. Mas eu tenho amigas negras e eles não falam 'aquela moça com a bolsa', eles falam 'aquela neguinha com a bolsa'. Como se isso fosse uma característica forte para apontar". (grupo 4 misto, 18-24 anos)

O preconceito contra gays também aflora, ainda que em grau menor, da mesma forma que, pontualmente, mencionam-se os relacionados às religiões de matriz africana.

Para além do racismo, os/as jovens apontam outras discriminações que são corriqueiras e reforçam o quadro de desigualdades sociais da cidade. São citadas discriminações que se

manifestam em múltiplos sentidos: em função da classe social, da aparência, local de moradia, biotipo etc.

E ao falar de discriminações e preconceitos, novamente a PM vem à cena, citada como exemplo emblemático da situação vivida pelos/as jovens da periferia paulistana.

“Tem policial que pega no pé de quem não tem nada a ver. Os bandidos eles não enquadram, mas quem trabalha e está indo pro serviço sim. A gente estava num grupo de amigos e eles nos abordaram, até aí normal. Mas aí eles começaram a nos chamar de vagabundos, nos insultar e eu trabalho e estudo. Acho que eles vão muito pela aparência, eles julgam os outros pela aparência”.
(grupo 3 misto, 18-24 anos)

O transporte público é outra questão que mobiliza as atenções e, nesse caso, as opiniões são matizadas. Há aqueles que o consideram como um grave problema da cidade, estando as queixas concentradas nos ônibus lotados, desconfortáveis, na longa espera nos pontos de ônibus, especialmente nos finais de semana.

Por outro lado, mesmo criticando a superlotação dos ônibus nos horários de pico, há quem aponte que o transporte público melhorou nos últimos anos. A renovação da frota, com veículos dotados de ar condicionado e WIFI, a implantação de corredores de ônibus, a expansão das linhas de ônibus e do metrô respondem por essa avaliação mais positiva do setor. Para esses/as participantes, o sistema de transporte público desponta inclusive como uma das poucas áreas em que houve avanços na cidade.

“O transporte não é bom, mas é acessível. É fácil chegar nos lugares, tem facilidade com a integração, você pode usar quatro ônibus, tem passe para estudante. Se você não vai de ônibus, vai de metrô, de trem; de qualquer jeito você tem facilidade”. (grupo 8 mulheres pretas, 18-24 anos)

O trânsito é considerado por todos caótico e com tendência a piorar. Tido como um aspecto que muito compromete a qualidade de vida de São Paulo, ele contribui para a imagem de uma São Paulo “desorganizada”, “problemática”.

A poluição do ar e dos rios, somada à precariedade do atendimento à saúde em certas regiões da cidade - em contraposição aos hospitais e serviços de excelência das regiões nobres -, além da educação pública de péssima qualidade compõem o rol dos demais problemas prementes da cidade.

Os aspectos negativos de São Paulo tendem, em muitos casos, a se sobreporem às suas positivities. Para os/as jovens entrevistados, essa percepção negativa sobre a cidade é também alimentada e reforçada pela mídia. Segundo eles/as os meios de comunicação, ao invés de veicularem as oportunidades existentes da cidade, sobretudo no que diz respeito a cursos e atividades culturais, tem como foco privilegiado a violência, os congestionamentos e a

precariedade do transporte público. E isso vai conformando uma imagem de cidade que tende a se destacar pelos aspectos negativos, obscurecendo o lado positivo da cidade que eles/as mesmo identificam e muito valorizam. Lamenta-se, portanto, a falta de divulgação das múltiplas ofertas da cidade.

“Você liga a televisão e é só violência, violência, e ninguém fala mais nada. Ninguém fala de cultura, ninguém fala disso que você estava falando dos cursos, das oportunidades. Você liga a TV e é só tragédia. Você tem medo de abrir sua janela e de repente entrar uma bala perdida na sua casa”. (grupo 7 mulheres pardas/pretas, 18-24 anos)

“Seria bom ter essa divulgação maior dos cursos que eu falei. Porque eu acho que para a cidade melhorar, o cidadão tem que melhorar junto com ela”. (grupo 7 mulheres pardas/pretas, 18-24 anos)

3.3. VISÕES SOBRE O BAIRRO ONDE MORAM

Alguns/as participantes da pesquisa reconhecem que eles acabam por falar mal da cidade, mas nem tanto dos bairros em que vivem. Há exceções obviamente, mas os grupos certamente foram mais generosos ao avaliar os seus locais de moradia.

O grau de sociabilidade existente no bairro - ou seja, as relações de amizade e os vínculos afetivos estabelecidos com moradores do entorno -, assim como a infraestrutura urbana e o fácil acesso a serviços (farmácias, supermercados, bancos etc) e ao sistema de transporte público (ônibus/ peruas/ trem/ metrô) figuram como critérios que balizam a avaliação dos/as jovens sobre o seu bairro. E sob essa ótica, no geral eles mostram-se satisfeitos em relação ao lugar em que moram.

Nunca é demais lembrar que as periferias sofreram uma transformação nas últimas décadas e hoje contam, em diferentes graus, com serviços e equipamentos públicos, sendo as praças, parquinhos e CEUs os mais citados. No entanto, não obstante esses avanços, a cidade segue tendo gritantes desigualdades socioterritoriais e um padrão de desenvolvimento urbano que produz múltiplas formas de segregação.

Por outro lado, é impossível falar sobre o bairro sem se referir ao grau de violência lá existente. Porém, curiosamente, ele parece incidir menos na avaliação que os/as jovens fazem do local de moradia, com raras as exceções. É de supor que a violência está de tal forma presente/ impregnada no cotidiano das periferias paulistanas que acaba por ser vista quase como algo inerente ao território, o que explicaria não ser fator preponderante nas avaliações sobre o bairro. Pode-se observar isso mesmo quando é citada a ocorrência de mortes no local praticadas com enorme crueldade pelo comando do crime organizado em suas rixas com grupos rivais.

“Por enquanto eu gosto de onde eu moro. Tem violência, mas violência tem em todos os lugares. Então não adianta você tentar fugir”. (grupo 9 mulheres brancas, 18-24 anos)

“O meu também é perigoso. Mas tem tudo perto. O shopping fica a 10 minutos da minha casa, tem escola perto, tem farmácia, tem tudo. Eu gosto de morar lá”. (grupo 9 mulheres brancas, 18-24 anos)

“Eu não mudaria do bairro em que moro para tentar ir parar um bairro melhor, pensando que tem menos violência. Pelo menos no meu bairro eu conheço quem são as pessoas, os bandidos. Cresceu com todo mundo. Você acaba tendo segurança mais dessas pessoas do que com a polícia. Melhor conhecer os bandidos do que morar fora e não conhecer ninguém e achar que a polícia vai te dar segurança”. (grupo 5 misto, 25-29 anos)

“Onde eu moro tem um lado bom e um lado ruim. O lado bom é que é calmo, fizeram pracinha que tem bastante brinquedo da turma da Mônica e o lado ruim é que tem muito roubo, principalmente na minha rua. É de dia, é de noite, é muito roubo lá. Mas no fundo é bom! (grupo 2 misto, 15-17 anos)

“Todo mundo vê meu bairro como a melhor coisa do mundo. Tem tudo perto. Eu desço a rua da minha casa e tem um Poupatempo, dois mercados, tem acesso a ônibus para a Paulista, para qualquer estação, tem tudo”. (grupo 3 misto, 18-24 anos)

Vale mencionar que a percepção de morar em uma região violenta é reforçada pela representação negativa do bairro, ou seja, pelo estigma que recai sobre esses territórios, tidos como *“zonas de perigo”*. Conforme comentário das jovens mulheres, a rede dos grandes lojistas da capital costuma traçar estratégias para a entrega de produtos em alguns desses locais.

“Não, gente é sério. Eu comprei o berço do bebê pela internet e chegou na minha casa com escolta. Eu achei impressionante, porque chegou o caminhãozinho com o berço do nenê, eu olhei e vi aquele cara de boina, com fuzil para fora e eu falei Meu Deus, socorro!...” (grupo 9 mulheres brancas, 18-24 anos)

“Na minha rua o carro de entregas também só chega com escolta. Área de risco que eles falam. Era um capacete e o correio para entregar veio com escolta armada”. (grupo 9 mulheres brancas, 18-24 anos)

Assim, tudo indica que para os/as jovens entrevistados o acesso a serviços e equipamentos públicos, especialmente os de lazer - ou seja, *“tudo próximo”* - e o grau de sociabilidade tendem a ser mais decisivos na avaliação do bairro do que questões ligadas à violência vivida no seu dia-

a-dia. Cabe lembrar que, como vimos, por vezes os jovens se sentem mais seguros no seu local de moradia do que em outras áreas da cidade.

“O código do bairro é o conhecimento, porque você conhece onde você vai pisar, com quem você vai conversar. E se você é roubado, é mais fácil achar”.
(grupo 5 misto, 25-29 anos)

Alguns/as jovens queixam-se da distância de seus bairros em relação ao centro da cidade. Na condição de moradores/as de regiões localizadas nas bordas do município e trabalhando na área central, eles/as lamentam as inúmeras horas passadas nos ônibus no seu percurso diário casa-trabalho-casa.

“Ou você mora perto das coisas, mora no centro e paga mais caro, ou você mora longe e tem que gastar tempo no trajeto”. (grupo 9 mulheres brancas, 18-24 anos)

“Em questão de emprego, eu falo por nós três nesse grupo que moramos na Zona Leste. Qualquer emprego que a gente arrume pro centro, já é 1:30h, 1:40h para chegar. Esse é o lado ruim. As empresas falam que não vão contratar porque é muito longe e você vai se atrasar”. (grupo 3 misto, 18-24 anos)

“O tempo que você passa dentro do ônibus, meu Deus do céu! Você já chega cansado no serviço. Eu entro às 6 horas de manhã e saio de casa às 4 e meia da manhã... você estressa, cansa mais com o transporte do que com seu próprio trabalho; perde mais tempo no trânsito do que de fato trabalhando”. (grupo 5 misto, 25-29 anos)

“Eu tenho uma amiga que fala que é muito fácil viver um casamento em São Paulo. Porque você só passa 8 horas com seu marido; o resto é trabalhando ou na condução. Ou seja, você só passa com ele as horas que você dorme”. (grupo 5 misto, 25-29 anos)

Os bailes funk, comumente denominados de “fluxo”, são um caso à parte. Presentes em quase todos os bairros da periferia, esses eventos que ocorrem nos finais de semana (de sexta-feira à madrugada da segunda) são alvo de críticas contundentes. Embora quase todos/as os/as entrevistados/as já tenham ido a bailes funks e alguns dos meninos sigam indo, não há quem defenda esse tipo de evento, talvez uma das poucas alternativas de entretenimento/balada nessas regiões da cidade. As críticas são severas e se concentram especialmente em aspectos de cunho moral, relacionadas à libertinagem lá existente. Segundo os relatos, lá “rola de tudo”: muita droga, bebida, sexo com “meninhas menor de idade”, moleques empinando motos numa atitude irresponsável etc.

Comenta-se que o som dos carros, somado ao barulho das motos, é ensurdecedor e para quem mora no entorno, a situação é insustentável.

Em meio a esse clima, a polícia aparece e agrega um componente de violência a essa já intrincada cena. Mas nem bombas, balas de borracha e spray de pimenta parecem ser suficientes para acabar com a balada.

As jovens mães com crianças pequenas e que moram em ruas ou nas proximidades onde “*rola o funk*” ficam ainda mais indignadas e buscam evitar que seus filhos/as escutem as músicas, segundo elas, cheias de palavrões e apelos ao sexo.

Em um dos grupos de jovens mulheres, as críticas também se dirigem ao cunho machista das músicas. Entretanto, ao mesmo tempo em que algumas delas condenam o conteúdo das músicas, tendem também a responsabilizar as próprias mulheres pela visão retratada no funk.

Entre as mulheres, os bailes funk por vezes provocam o desejo de mudar de bairro.

“Eu vou lá no Fluxo, mas na hora que eu subo e quero dormir, não consigo porque fica o maior barulho na janela... é muita gente usando droga, muita perdição; te oferecem o que não presta. As meninas não se valorizam. Tem baile na Zona Sul que mulher fica até pelada”. (grupo 1 misto, 15-17 anos)

“Às vezes as PMs aparecem no começo da rua com giroflex. Aí, se o pessoal não sair, eles atacam bomba; se não sair, daí é bala de borracha...É da hora! Na hora não é legal, mas depois você dá risada. Você lembra do povo caindo, todo mundo pisando em você...” (grupo 1 misto, 15-17 anos)

“É horrível. Se eu pudesse acabar com esse negócio de funk eu acabava. No funk acontece de tudo, drogas, sexo, tudo. Eu penso: ‘meu Deus, meu filho ouvindo isso!’ É um absurdo. Usam drogas, várias músicas ensinando usar lança perfume. Essas gravidez precoce é por isso. Já fui bastante no funk, hoje não vou mais”. (grupo 4 misto, 18-24 anos)

“Eu moro na COHAB em Taipas. É uma favela bagunçada. É um inferno fim de semana. É muito barulho, aquele funk insuportável, aquelas motos que dá até medo. Eles fecham a rua e do nada enche de gente. O ônibus não passa, a polícia vai lá, eles começam a jogar bomba, dá tiro de borracha...”. (grupo 9 mulheres brancas, 18-24 anos)

4. SER JOVEM NA CIDADE DE SÃO PAULO

“Ser jovem em São Paulo, sei lá, é viver, sair, curtir com os amigos... mas hoje tem muito jovem preso também”. (grupo 1 misto, 15-17 anos)

Os/as jovens entrevistados/as partilham da percepção de que é muito bom viver o período da juventude na capital. Retomando os aspectos positivos de São Paulo, anteriormente listados, mencionam que a cidade oferece muitas oportunidades para os jovens: diversão, lazer, estudos e muitos cursos gratuitos, atividades culturais, estágios e emprego. Ou seja, muita “curtição” e possibilidades de desenvolvimento pessoal e profissional. Mas “*você tem que correr atrás*”, expressão corriqueira entre os participantes da pesquisa e que, de certa forma, remete à meritocracia tão disseminada em uma cidade que alguns/as reconhecem ser muito competitiva.

“Sempre tem alguma coisa para fazer nessa cidade”. (grupo 8 mulheres pretas, 18-24 anos)

“Eu prefiro ficar aqui em São Paulo apesar dos pesares, da violência, porque tem muitas coisas boas aqui. Por mais dificuldades que tenha, se você meter as caras, se correr atrás, você consegue”. (grupo 3 misto, 18-24 anos)

“Acho que aqui se encontra de tudo. Saúde, você tem hospital. Parque, você tem onde passear. Se você estuda, você presta um ENEM, você passa e tem essa oportunidade. Vai você de buscar”. (grupo 5 misto, 25-29 anos)

“Tem uma variedade de cursos, cursos técnicos... eu já fiz dois cursos com bolsa de estudo”. (grupo 6 misto, 25-29 anos)

São Paulo parece ser de tal forma atraente para os jovens que, sobretudo nos grupos de idades entre 25 e 29 anos, acredita-se haver maiores oportunidades para o segmento juvenil do que para os adultos.

“Ser jovem aqui é demais! Você tem muitas coisas pra fazer aqui. Os jovens de hoje tem muitas oportunidades, mais do que os adultos. A gente tem a oportunidade de estudar; tem os melhores lugares para a gente estudar, para a gente ter um bom emprego, para gente sair, se divertir com os amigos”. (grupo 2 misto, 15-17 anos)

Quando perguntados o que conhecem de iniciativas existentes na cidade voltadas para os/as jovens, chama atenção o rol de programas e ações governamentais listados. São citados, por exemplo, as Fábricas de Cultura, Virada Cultural, Virada Esportiva, Centros Culturais, Jovem

Aprendiz (mencionado em quase todos os grupos e muito valorizado), PROUNI, ENEM, ETECs, FATECs etc. Esse grau de conhecimento sobre políticas públicas voltadas à juventude (ainda que não exclusivamente) revela a maior visibilidade dessas iniciativas e, de modo subjacente, o valor atribuído a elas para a experiência de vida da juventude, independente de, pessoalmente, as acessarem ou não.

No seu cotidiano os jovens parecem acompanhar o frenesi da cidade de São Paulo. Não obstante os três grupos etários entrevistados estarem em momentos de vida distintos, o dia-a-dia desses/as jovens mostra-se bastante corrido. São poucos/as os/as que só estudam, sem se ocuparem de atividades domésticas, independente do sexo. Vários moços, sobretudo de idades entre 15-17 anos ajudam nas tarefas domésticas, quer limpando a casa, quer cuidando de irmãos ou primos menores.

A conciliação estudo e trabalho tende a ser comum entre os/as entrevistados/as. No caso das jovens mulheres mães, tal como já tantas vezes denunciado, a conjugação trabalho e vida familiar implica na usual sobrecarga no cotidiano feminino.

“É corrido, porque eu limpo a casa de manhã, aí de tarde eu trabalho, volto, aí tenho que levar meu irmão para a escola. Aí eu volto, ajudo minha mãe no comércio, aí tenho que buscar meu irmão na escola. Todo dia é isso”. (grupo 2 misto, 15-17 anos)

“Acorda, arruma a criança, põe na perua, troca de roupa, vai trabalhar. Chega em casa à noite, vai fazer janta, vai dar banho na criança. Quando vai ver já é 10 horas da noite e vai dormir”. (grupo 9 mulheres brancas, 18-24 anos)

Curiosamente, esses/as jovens tendem a circular pela cidade e não só em função do trabalho. Os deslocamentos também ocorrem em busca de lazer, de baladas diferenciadas, do acesso a atividades culturais, para fazer compras ou para visitar parentes.

Os jovens na faixa dos 18 a 24 anos tendem a circular mais pela cidade. Os de idades entre 15 e 17 anos parecem ter menor autonomia para exceder os limites da região onde moram, assim como os mais velhos, quase todos/as já casados e com filhos, tendem a se ocupar mais da família nos seus momentos de lazer.

Nos finais de semana, por exemplo, os/as jovens transitam por regiões da cidade distantes do seu local de moradia. Os parques Ibirapuera e o Villa Lobos são exemplos de locais usualmente frequentados, sendo esse último bastante valorizado tanto pelos/as jovens usuários, quanto por aqueles/as que jamais estiveram lá, mas almejam conhecê-lo. A linha 9 da CPTM - que vai do Grajaú até Osasco - tem uma estação em frente a esse parque, o que permite o fácil acesso dos moradores da periferia da Zona Sul a esse espaço, situado no bairro nobre de Alto de Pinheiros, na região Oeste da cidade.

A Vila Madalena é outro lugar atraente, sobretudo para os jovens entrevistados do sexo masculino, devido aos inúmeros bares e baladas lá existentes e, ao que parece, também pelo ambiente diferenciado em relação ao seu local de moradia.

“É uma certa liberdade que o jovem tem na cidade. No meu caso, saio da Zona Oeste para ir para a Zona Leste, ou seja, são quase duas horas de trem. Então eu acho legal essa liberdade de passar de um lado para o outro da cidade”. (grupo 2 misto, 15-17 anos)

“Eu moro na Zona Norte e a semana passada vim numa balada aqui na Zona Sul. Tenho primos e amigos que moram na Zona Sul, na Zona Norte, na Zona Oeste, na Leste, então eu vou pra tudo quanto é lugar. Pra mim não tem tempo ruim”. (grupo 3 misto, 18-24 anos)

“Eu vou mais no Villa Lobos. Acho mais legal do que o Ibirapuera. É mais tranquilo, lá é totalmente diferente e as pessoas também são diferentes. Acho elas mais educadas...” (grupo 5 misto, 25-29 anos)

“Eu gosto de ir na Vila Madalena. Gosto do ambiente, as cadeiras de fora... Onde eu moro é só boteco, não é um lugar para você ir com a esposa”. (grupo 6 misto, 25-29 anos)

“Eu gosto bastante da Paulista, da Vila Madalena. Eu acho que são bairros diferentes de onde eu moro... sei lá, é a apresentação do local, atendimento também, liberdade também. Acho um lugar legal porque é outra cultura. Gosto de lugares assim, lugares que tem diversidade”. (grupo 7 mulheres pardas/pretas, 18-24 anos)

“Eu gosto mais de ir para o Centro. Todo domingo tem feira dos bolivianos na Armênia. Então todo domingo geralmente eu vou pra lá por causa das comidas, por causa das danças típicas que ele fazem. É muito gostoso!”. (grupo 9 mulheres brancas, 18-24 anos)

Os jovens frequentam certos locais situados em áreas nobres da cidade sem nenhum constrangimento, o que é bastante positivo, mas as barreiras sociais seguem “interditando” o acesso a determinados eventos, como parece ser o caso das peças teatrais de cunho comercial.

“Lá onde eu moro, eu falo ‘vamos ao teatro’ mas eu ouço ‘mas eu não vou ao teatro, isso não é para mim. Quem vai ao teatro são essas pessoas que tem mais dinheiro, o que eu vou fazer lá? Vou me sentir mal’. É o medo de ir no lugar e ser tratado de forma diferente, o que às vezes acontece e já aconteceu comigo. Mas eu acho que isso não impede de querer buscar mais. Tem muita gente que pensa assim: eu vou trabalhar para ela, eu não posso ser ela. Esse é o seu lugar. Você nasceu aqui, você vai ficar aqui para sempre”. (grupo 7 mulheres pardas/pretas, 18-24 anos)

As atividades culturais parecem atrair mais as jovens mulheres do que os homens, tal como já diagnosticado em vários estudos sobre o tema. A Agenda Juventude Brasil, por exemplo, registrou que a frequência a programas culturais é maior no universo feminino: 15% de menções entre elas ante 9% entre os jovens homens. Nesse caso, são mencionados pelas jovens a ida aos museus Afro, da Língua Portuguesa, Catavento, MIS.

Parques (além dos dois já mencionados, também se destaca o Ecológico do Tietê), praças, Galeria do Rock, Paço das Artes, Parque da Juventude, shoppings próximos (Aricanduva, Itaquera) ou não do bairro (Eldorado, West Plaza, Bourbon) são espaços citados pelos/as entrevistados/as como os seus favoritos.

As falas sobre o 'ser jovem' em São Paulo remetem às oportunidades e facilidades que a cidade oferece a esse segmento. No entanto, aos olhos desses/as mesmos/as jovens, viver esse momento de vida na cidade também comporta riscos.

“São Paulo oferece tudo de bom e tudo de ruim. Depende do ponto de vista. Aqui você tem fácil acesso a tudo, tipo até nas praças tem internet pública. Tudo que você pode imaginar, você tropeça e acha. Não estou só falando de drogas, mas de tudo. Então precisa um pouco de maturidade para saber dizer não para as ofertas negativas, que tem muito: desde drogas, bandidagem, prostituição. Tudo isso que para o jovem é ofertado desde a escola”. (grupo 9 mulheres brancas, 18-24 anos)

“São Paulo tem muita coisa ruim e muita coisa boa. Você vê o lado que você quer”. (grupo 4 misto, 18-24 anos)

“Curtição a cidade oferece bastante, bastante música também... oferece também bebida, drogas...”. (grupo 6 misto, 25-29 anos)

“São Paulo é um buquê de coisas boas e ruins para os jovens. Então, ser jovem em São Paulo é ter responsabilidade, mas ter tempo também de curtir a vida. A cidade oferece emprego, lazer, estudos, bastante curso gratuito. Mas o que não deveria oferecer era acesso fácil às drogas, à bebida...”. (grupo 8 mulheres pretas, 18-24 anos)

O risco do/a jovem, especialmente os do sexo masculino, enveredar pelo caminho das drogas, do crime organizado e também da prostituição se faz presente nas entrelinhas ou de modo explícito no discurso de muitos/as entrevistados/as. O tom das falas delineia um cenário em que o jovem morador/a das periferias paulistanas parece se ver interpelado a resistir aos atrativos do “dinheiro fácil”. Ao serem perguntados do que se orgulham na sua vida, algumas respostas deixam entrever, mais uma vez, as tênues fronteiras entre o mundo legal e o ilegal e os apelos para transitarem entre estes.

“O jovem não quer saber mais de trabalhar. O filho vê o pai, fala ‘meu pai trabalha o mês inteiro e não consegue comprar um tênis para mim’. Ele acaba

partindo pro lado da criminalidade. Cada vez mais jovens veem que o amigo está roubando...” (grupo 5 misto, 25-29 anos)

“Meu orgulho é não ter se envolvido com coisas erradas: drogas, violência...” (grupo 3 misto, 18-24 anos)

“O meu também é mais ou menos assim: é ter escolhido as amizades certas e não ter ido para o lado errado”. (grupo 3 misto, 18-24 anos)

“Ser jovem em São Paulo é ter responsabilidade, porque tem coisas boas e também que podem te prejudicar. É fácil fazer as coisas erradas. Eu tenho orgulho de minha honestidade”. (grupo 4 misto, 18-24 anos)

“Do que eu me orgulho? É de não ir na conversa dos amigos. Às vezes me chamam para fazer alguma coisa errada e eu não vou. Às vezes eles acabam entrando numa fria...” (grupo 2 misto, 15-17 anos)

No contexto das discussões sobre o ser jovem na cidade de São Paulo, chama atenção o olhar crítico de vários entrevistados sobre a própria juventude atual. Essa visão negativa se faz notar em diversos momentos, mas com maior ênfase nos grupos de 24 a 29 anos. Esse posicionamento, não raro, é permeado por um tom saudosista e claramente preconceituoso com relação aos segmentos de menor idade.

“Na minha época não tem o que acontece hoje com os jovens. Os jovens não tem uma esperança... só pensam em beber, celular. Muita bebida e muita droga... se você ver, a marginalidade está nos menores de idade. Eles estão tomando conta do Brasil”. (grupo 5 misto, 25-29 anos)

“Hoje em dia a molecada só quer andar de moto, colocar óculos na cara, ficar com as meninas pra cima e para baixo. Por isso tem muita menina grávida, menina com 10, 11 anos grávida”. (grupo 6 misto, 25-29 anos)

“Os jovens de hoje estão muito focados na internet, essas coisas. Não ligam mais para a cultura”. (grupo 7 mulheres pardas/pretas, 18-24 anos)

“Os jovens parecem revoltados. Se você for na Augusta na sexta, você vê um monte de jovem bêbado, jogado...”. (grupo 8 mulheres pretas, 18-24 anos)

Cabe mencionar igualmente que, ao discutir as múltiplas discriminações existentes na sociedade, em alguns grupos emerge o preconceito frente a gays e lésbicas. É nesse campo que despontam, mais claramente, alguns traços do conservadorismo vigente na nova geração. O contraditório se faz presente no discurso e nos valores de alguns entrevistados/as que, ao mesmo tempo em que são discriminados e condenam essa atitude da sociedade, manifestam o seu preconceito e descriminam os homossexuais.

“Hoje menina de 12, 13 anos virou modinha ser lésbica, aí todo mundo quer virar. No meu tempo, com 12 anos eu nem saía na rua”. (grupo 8 mulheres pretas, 18-24 anos)

“Eu acho assim: tem gays que respeitam e outros não. Lésbicas tem costume de ficar beijando no meio dos outros. Eu acho feio. Eu não gosto que beije na minha frente. Dá vontade de dar um murro”. (grupo 1 misto, 15-17 anos)

“Eu não gosto de homossexual, odeio. Tem mulher que é coisa boa, o cara vai ficar com homem? (...) Eu tenho preconceito que é assim: se a pessoa está perto de mim, eu respeito ela. Agora chegar para ter uma amizade com aquela pessoa, conversar, não gosto”. (grupo 1 misto, 15-17 anos)

4.1 O RACISMO E AS MÚLTIPLAS DISCRIMINAÇÕES

“Em geral, as pessoas não conseguem entender o que é. A pior coisa do mundo é alguém ter medo de você, e você não representa ameaça nenhuma para essa pessoa. Você chegar para perguntar que horas são, e a pessoa esconder a bolsa. Para mim, o racismo é o tema mais urgente hoje no Brasil”¹².

Emicida

Em todos os grupos, os relatos dos/as jovens sobre as situações de discriminação vividas no cotidiano são estaremcedores, indicando que o racismo corre solto na capital paulista, sem nenhum constrangimento.

É consenso que existe uma grande diferença entre ser jovem branco e de raça/cor negra. É uníssona a voz quanto à forte discriminação racial vigente na sociedade brasileira. Pode-se dizer que quase todos/as entrevistados já vivenciaram uma situação de racismo, quer pessoalmente ou devido a estar em companhia de amigo/a negro/a.

As discriminações raciais se fazem sentir em diversas situações do cotidiano. No caso dos jovens negros, as denúncias se concentram sobretudo no fato de serem usualmente considerados suspeitos, não só pela polícia como pela população de cor/raça branca, fato explícito em diversas situações do cotidiano. Quanto às mulheres negras, as discriminações

¹² Leia a matéria completa em: Emicida: "Pior coisa é você perguntar as horas, e a pessoa esconder a bolsa" - Geledés <http://www.geledes.org.br/emicida-pior-coisa-e-voce-perguntar-as-horas-e-a-pessoa-esconder-a-bolsa/#ixzz42vnmbMK>

derivam, entre outros aspectos, das características fenotípicas da raça negra, em especial o cabelo crespo.

“Ainda existe muito preconceito. Muito! De repente o jovem negro é pego pela policia e é chamado de bandido, já o branquinho, que às vezes é ladrão, é difícil pegarem ele. A mulher com cabelo afro falam: ‘olha lá aquela neguinha que ridícula, favelada’. Se for uma branquinha com cabelo roxo: ‘olha lá que bonitinha, ela é estilosa’”. (grupo 9 mulheres brancas, 18-24 anos)

“Usei chapinha muitos anos. Depois parei porque não tinha tempo para fazer isso. Quando começou a crescer o cabelo, deixei natural. E falaram: ‘nossa, seu cabelo era tão mais bonito antes!’”. (grupo 7 mulheres pardas/pretas, 18-24 anos)

“Muita gente fala isso também pra mim: ‘por que você não alisa de vez? Combina tão mais com você, você vai ficar muito mais bonita, é outro nível’”. (grupo 7 mulheres pardas/pretas, 18-24 anos)

Os constrangimentos sofridos por jovens negros/as revelam como esse segmento da juventude vivencia a sua condição juvenil, marcada pela recorrente e brutal violação de seus direitos. Os relatos salientam os estereótipos e estigmas que recaem sobre esse segmento, demarcam a sua trajetória de vida e comprometem o exercício da sua cidadania.

Os depoimentos falam por si:

“Eu já passei por situação de racismo no estágio que fiz no Hospital 9 de julho, que atende pessoas de poder aquisitivo um pouco maior, pessoas que em convênio. Eu entrei no quarto de uma senhora e ela se negou a ser atendida pro mim porque eu era jovem negra. Primeiro, quando eu entrei no quarto dela para fazer coleta de sangue, ela falou: ‘olha moça, você pode tirar todas as bandejas porque eu já comi’. Eu disse que eu era técnica de enfermagem e estava lá para fazer a coleta de sangue dela. Ela falou: ‘mas você pode chamar outra pessoa?’” (grupo 8 mulheres pretas, 18-24 anos)

“Você vai num atendimento num shopping e ninguém olha pra sua cara. Nem pergunta o que você deseja. Se você vai numa loja mais chique e você é negro, parece que você vai roubar alguma coisa, que você não tem dinheiro para pagar; o segurança fica toda hora te olhando...” (grupo 8 mulheres pretas, 18-24 anos)

“Minha irmã foi numa entrevista de emprego. Era ela e uma outra loira. A recrutadora falou para ela: ‘você tem um bom perfil mas a gente procura uma Xuxa’”. (grupo 7 mulheres pardas/pretas, 18-24 anos)

“Uma vez conversando sobre a novela, a menina falou pra mim: ‘mas é tão óbvio que ele vai ficar com a loira... porque você não acha que alguém vai trocar uma loira por uma neguinha’. Eu choquei na hora. Ela não percebeu a

gravidade do que estava falando... tem pessoas que falam: 'você não é negra, você é morena, você nem é tão escura assim, para com isso'... Eu me considero negra! O que é ser moreninha?'. (grupo 7 mulheres pardas/pretas, 18-24 anos)

"Eu tenho mania de chamar as pessoas de 'nega', uma coisa afetiva. Um dia eu falei para uma menina: 'ai nega, você faz isso para mim?' E ela respondeu: 'você não me chama assim que eu não sou da sua cor'". (grupo 7 mulheres pardas/pretas, 18-24 anos)

"Principalmente à noite, se você está andando na rua, muitas vezes eu estou voltando para casa e se a pessoa me vê, ela atravessa a rua, muda de calçada. Pensa que eu vou roubar. Às vezes, você nem percebe que tem alguém dentro do carro e você escuta só o barulho da trava do carro". (grupo 4 misto, 18-24 anos)

"Pra mim, quando eu chegava perto dos carros, o pessoal fechava os vidros. Antigamente eu xingava, mas hoje eu até entendo que tem muito assalto de moto" (grupo 4 misto, 18-24 anos)

"Já aconteceu comigo. Eu estava com dois amigos meus que são negros e a gente sofreu um enquadro. O segurança, na hora de enquadrar a gente, me separou dos dois. Me dispensou, que sou branco, e ficou com os outros dois". (grupo 3 misto, 18-24 anos)

A vivência das discriminações raciais dá a dimensão de como "historicamente a juventude negra tem sido exposta a toda a sorte de violações de direitos decorrentes do racismo estrutural que define as condições de vida e as oportunidades a que esse importante contingente populacional terá acesso".¹³ (p. 307).

Se para alguns/as entrevistados o racismo está em alta na sociedade, para outros ele permanece tal qual outrora, estando apenas mais evidente, mais explícito nos dias atuais.

"Acho que agora é mais transparente. Antigamente nem todo mundo podia falar e hoje as pessoas podem expressar. Agora é mais visível. O espaço do negro também está muito maior, mas o preconceito também está se mostrando maior. À medida que cresce o espaço do negro, cresce o preconceito também" (grupo 4 misto, 18-24 anos)

"Eu acho que antigamente tinha o preconceito, mas não era tão escancarado como agora. Agora ninguém tem vergonha mais de expor. É negro, é macaco, é isso e aquilo. Xingaram até a Thais Araújo e aquela outra que fala do tempo no Jornal Nacional... ". (grupo 3 misto, 18-24 anos)

¹³ Guimarães, Ângela. Dilemas da vivência da juventude negra no Brasil, in Papa, Fernanda de C. e Freitas, Maria Virgínia (orgs) Juventude em Pauta: políticas públicas no Brasil. 1ª ed. São Paulo. Ed. Peirópolis. 2011. 368p..

Em meio às discussões sobre o racismo na sociedade brasileira, por vezes vem à tona a questão das cotas raciais, sempre colocada em pauta por quem as rejeita. Os argumentos surgem fortemente ancorados na meritocracia, tão ao gosto das narrativas neoliberais. Ao invés de um mecanismo de inclusão social e racial, as cotas são, nesse caso, vistas como reforço ao racismo e às discriminações sociais. Depois de mais de uma década da implantação da política de cotas, fica claro o quanto temos que avançar na discussão e no enfrentamento do racismo e de seus perversos efeitos sobre a sociedade brasileira.

“Já começa pelo governo dando uma cota para negro. Eu acho que com isso ele incentiva mais o racismo e separa a população branca da negra”. (grupo 6 misto, 25-29 anos)

“Todo lugar tem cota pra negro. Tem que ter um negro trabalhando na empresa, no comercial de TV, novela... Tudo tem que ter um negro. É errado, parece que está obrigando a ter aquilo. Eu acho que a pessoa tem que fazer a entrevista, mesmo ela sendo deficiente ou negro, ela tem que fazer por merecer aquilo. Eles estão sendo racistas, falando que ele é incapaz de conseguir aquilo”. (grupo 1 misto, 15-17 anos)

“O próprio negro se discrimina. A pior babaquice do mundo foi inventar a cota. E a meritocracia, o merecimento que ele teve de tirar uma nota maior? E o negro aceita isso. Tem que ser tudo igual porque todo mundo é igual e vai diferenciar pela cor? Não é justo. Acho que essa cota só alimenta o racismo”. (grupo 5 misto, 25-29 anos)

Para além do racismo, são fortes as discriminações sofridas no cotidiano desses jovens em razão de sua classe social; pela aparência; pelo local de moradia; pelo biotipo etc. Cabe destacar que muitas das discriminações relatadas como sendo devido à “aparência” são na verdade discriminações de classe e/ou de cunho racial, denotando o quão camuflado é o racismo até para quem se vê vítima dele.

Quando perguntados se já se sentiram discriminados, todos/as tem um uma ou várias histórias a contar:

“Sou babá folguista e quem tem uma babá tem que ter dinheiro. Eu fui duas vezes viajar com a família, tomando conta da criança, e os parentes deles nem olham na sua cara. Eles não me maltrataram, mas você consegue ver aquela risca que separa pobre de rico. Eu consegui enxergar isso”. (grupo 9 mulheres brancas, 18-24 anos)

“Minha mãe também sofreu muito e ela é mais clara do que eu, mas tem o cabelo mais crespo do que o meu. Ela entrou numa loja toda empolgada para trocar o guarda roupa dela e pediu para uma vendedora ajudar ela. A

vendedora falou: ‘não vou te ajudar porque você não tem dinheiro para pagar’’. (grupo 7 mulheres pardas/pretas, 18-24 anos)

“Eu moro no Cantinho do Céu, no Grajaú. Uma vez falei para a menina do trabalho: ‘minha mãe vai fazer uma festa e estou te convidando’. Ela falou: ‘Deus me livre eu ir para aquele lugar’’. (grupo 7 mulheres pardas/pretas, 18-24 anos)

“Classe social faz diferença. Ontem a gente estava trabalhando e tinha um moço que estava curtindo a festa e queria entrar no banheiro que era da produção do evento. Eu falei que não podia. Ele quis falar com meu chefe que é negro. Ele olhou pro meu chefe de longe e disse pra mim: ‘ele quer mandar o que? Ele não tem nem dente’. E ainda falou: ‘fala pra ele que eu tenho dinheiro para por implante se ele quiser’’. (grupo 6 misto, 25-29 anos)

“já fui discriminada pelo lugar que eu moro. Meu chefe brinca, mas toda brincadeira tem seu fundo de verdade. Onde eu moro é tipo favela, quer dizer, não é favela, mas tem uma favela do lado. O chefe fica falando: ‘aquela favelinha onde você mora, ali é perigoso. Eu nunca na minha vida espero ir lá’’. (grupo 4 misto, 18-24 anos)

“O pessoal fala: ‘você mora em Taipas? ‘Daí já fica olhando, o pessoal olha com cara de nojo’’. (grupo 1 misto, 15-17 anos)

“Quando você vai num shopping em que o pessoal que frequenta é de classe social melhorzinha, realmente tem uns olhares bem diferentes em cima da gente. Quando você entra na loja, o vendedor fica só te observando, o segurança também... um dia numa loja pediram para eu mostrar o que eu tinha no bolso. Daí a segurança disse: ‘você não roubou nada não, pode ir. Ainda falou no rádio: ‘ela está liberada’. E falou na minha cara: ‘achei que você tinha roubado alguma coisa porque você tem cara de maloqueira’’. (grupo 3 misto, 18-24 anos)

“As pessoas são preconceituosas, até a polícia é. Policial negro não gosta de outras pessoas negras. Parece que ele é racista com a própria cor. Às vezes faz até injustiça. Você pode perceber que a maioria dos presidiários são negros e às vezes estão presos injustamente (...) Se for mulher, falam que é neguinha, tem cabelo duro, ela é maloqueira, ela é da favela, pé sujo. Só porque a pessoa é preta, ela é barraqueira, é favelada. Todo mundo fica com medo dela’’. (grupo 1 misto, 15-17 anos)

Felipe Freitas¹⁴, ao analisar dados coletados pela pesquisa Agenda Juventude Brasil sobre as experiências de discriminação vivenciadas pelas juventudes brasileiras, aponta que “no conjunto dos jovens do país, 26% declararam que se sentiram humilhados, desrespeitados ou

¹⁴ Freitas, Felipe da S. Juventude Negra: qual é mesmo a diferença?. Esse texto compõe um livro com artigos sobre os resultados da pesquisa Agenda Juventude Brasil (no prelo).

discriminados por qualquer motivo. Entre os jovens negros, 28% declararam já ter sofrido algum tipo de discriminação, enquanto entre os jovens brancos 23% afirmaram ter vivido a mesma experiência. Os motivos da discriminação são vários, observando-se, muitas vezes, que a ocorrência se deu pela sobreposição de motivos (“aparência física”, “cor da pele”, “condição econômico-social”, “lugar onde mora”, “orientação sexual” etc.), onde vários eixos de subordinação se interseccionam, produzindo e/ou ampliando hierarquias segundo raça, sexo, gênero, geração, condição física, situação territorial etc. (WERNECK, 2013, p. 15)”.

Cabe destacar que se muitos jovens ficam imobilizados e engolem a seco tais agressões, há quem reaja às discriminações assumindo uma atuação positiva e assertiva na busca por afirmar seus direitos.

“Eu nunca passei discriminação porque eu não procuro situações para passar; se eu sei que eu vou entrar num lugar e alguém vai ficar me olhando, vou ficar me torturando? Não. É errado, devia lutar pelos meus direitos, mas vou procurar situação para passar vergonha?”. (grupo 5 misto, 25-29 anos)

“Uma vez eu fui provar uma roupa numa loja. Eu não levei a roupa e assim que eu saí da loja, o cara, acho que era segurança, mandou eu abrir minha bolsa. Eu me senti mal. Perguntei pra ele: ‘você acha que eu estou roubando alguma coisa? Eu não estou roubando nada.’ E eu falei que não ia abrir a bolsa. Aí ele disse que ia chamar a polícia. Eu disse: ‘pode chamar o diabo a quatro que eu não vou abrir a bolsa’. Foi racismo sim. Aí depois ele pediu desculpa e disse que tinha achado a peça...” (grupo 8 mulheres pretas, 18-24 anos)

“Dentro do Iguatemi eu fui discriminado uma vez. Cheguei no Pão de Açúcar e pedi pãozinho. A vendedora falou: ‘calma que está fazendo’. Chegou uma outra mulher, toda arrumada, e a vendedora tirou o negócio do forno, já estava pronto, era só ela pegar. Aí chegou outra pessoa, pediu, ela serviu e pronto. Eu falei: cadê o gerente?’ Fiquei puto da vida. Falei um monte pro gerente: ‘essa mulher está me discriminando, não é porque a outra está bem vestida...’ Quebrei o pau. O gerente pediu desculpas, falou que a vendedora era nova...” (grupo 5 misto, 25-29 anos)

“Pra mim também aconteceu isso. Acabamos entrando no Iguatemi e tinha umas bolas da árvore de Natal no chão. Tinha um casal branco com duas crianças brancas sentadas no meio das bolas e uma jogando para outra. Meus filhos viram e quando foram pegar as bolas, o segurança veio pedir para parar. Eu falei: ‘eles não vão parar porque aquelas duas crianças estavam brincando e meus filhos também vão brincar. Se tiver algum problema e alguma pessoa que você quiser chamar pra gente resolver, tudo bem’. Falei baixo porque aquele shopping já é mais calmo. Meu marido é um negão super gigante e falou para o segurança: ‘não põe a mão nas minhas crianças’...” (grupo 5 misto, 25-29 anos)

“Eu fui pegar um taxi porque estava chovendo e o ponto estava lotado. Aí eu fui entrar no taxi e ele não abriu a porta e ficou olhando. Pensei em pegar outro taxi, mas daí eu vi ele pegando uma mulher branca e colocando no carro.

Daí eu abri a porta e falei: ‘você vai me levar. Eu estou pagando por isso e não vou roubar ninguém não. Aí ele falou para eu entrar no taxi e pediu desculpas’
(grupo 4 misto, 18-24 anos)

“Nós entrou no Eldorado e o segurança já ficou olhando, Aí, nós foi subir e tinha lá o segurança. Aí nós foi pro Mc Donald’s e ele foi atrás. Aí eu parei e fiquei olhando a cara dele. Ele disfarçou e eu fui atrás e falei: ‘tem alguma coisa contra eu?’ Comecei falar um monte para ele, aí eu comecei logo a gritar. Todo mundo já parou, ficou olhando pra ele. Aí ele: ‘não desculpa, desculpa’”.
(grupo 1 misto, 15-17 anos)

Os relatos acima são uma amostra da brutal discriminação racial e social a que estão sujeitos/as os/as jovens moradores das periferias da cidade. As falas dos/as entrevistados/as deixam entrever um cotidiano em que na condição de suspeitos, todos os olhos estão voltados para eles/as: lojistas, seguranças, polícia, população em geral; na condição de pobres e excluídos “*nem olham*” nas suas caras. Hiper expostos ou invisíveis aos olhos de uma sociedade elitista e excludente, que impõe uma clara “*risca que separa pobre de rico*” e negros de brancos, as experiências vividas reafirmam, com contundência, que “a condição juvenil é vivenciada de forma diversificada e desigual entre jovens de acordo com suas condições socioeconômicas específicas e com padrões de discriminação e preconceito em vigor que incidem sobre as oportunidades a que os jovens terão acesso”¹⁵.

“Eu acho difícil falar para quem nunca sofreu preconceito, mas para quem sofreu e sofre, a gente sabe que tem muita diferença”. (grupo 7 mulheres pardas/pretas, 18-24 anos)

4.2 DESIGUALDADES DE GÊNERO: UMA QUESTÃO POLÊMICA

“Ser homem é muito fácil. Difícil é ser mulher”. (grupo 5 misto, 25-29 anos)

Ao contrário do consenso quanto à existência do racismo e demais discriminações, quando os/as entrevistados/as foram convidados a se posicionar sobre eventuais diferenças entre ser jovem homem ou mulher, as opiniões se dividem. Com o argumento de que a mulher vem conquistando crescente espaço na sociedade, alguns/as deles/as minimizam as desigualdades

¹⁵ Guimarães, Ângela. op cit. pág. 311

de gênero presentes na atualidade. Para aqueles/as que reconhecem haver diferenças, a desigualdade salarial, o assédio e as restrições comportamentais a que estão submetidas as mulheres aparecem como um sinalizador dos desequilíbrios de gênero na sociedade. Questões relacionadas, por exemplo, à divisão sexual do trabalho doméstico aparecem pontualmente apenas no grupo das moças autodeclaradas brancas como um item demonstrativo das iniquidades entre jovens homens e mulheres. A violência contra a mulher e outras desigualdades (carreiras, profissões etc) não surgiram nas discussões sobre o tema, talvez pelo fato dos/as jovens terem se centrado no cotidiano juvenil e tais questões se inscreverem, aos seus olhos, num universo mais adulto.

Cabe mencionar que o tema “gênero” pouco mobilizou os grupos, ao contrário do que ocorreu em relação ao racismo e as discriminações. Os três grupos compostos só de mulheres foram os que mais se envolveram na discussão das desigualdades de gênero, o que parece revelar que o tema é caro para as mulheres e, por vezes, fica circunscrito ao universo feminino.

A crítica ao machismo vigente na sociedade aparece pontualmente em alguns grupos, assim como posicionamentos machistas se fazem presentes em outros casos.

“Tem diferença entre homem e mulher, mas depende. No caso de trabalho, tem uns lugares, por exemplo, que contratam mulher bonita para chamar atenção. No posto de gasolina é assim, no shopping também, em loja de marca. Então depende do tipo de oportunidade que a gente está falando”. (grupo 1 misto, 15-17 anos)

“Falando da vida familiar, os homens são mais liberados. Meu pai um tempo atrás não queria que minha irmã namorasse. Minha irmã tem 18 anos e eu fiz 16 e ele já autorizou”. (grupo 1 misto, 15-17 anos)

“Acho que não tem diferença não. Acho que a maioria das coisas que um jovem homem faz, uma jovem mulher também pode fazer. Tanto faz. Para engenharia uma mulher pode ser tão inteligente quanto um homem e para cozinhar um homem pode ser tão melhor quanto uma mulher”. (grupo 2 misto, 15-17 anos)

“Porque realmente o que a sociedade machista impõe para a mulher, é que ela tem que cuidar da casa. E agora, além de cuidar da casa, ela tem que trabalhar. Eu não gosto desse meio que a sociedade machista impõe”. (grupo 2 misto, 15-17 anos)

“Se eu separo do meu marido e em uma semana fico com um cara, eu sou mal falada, galinha. Se ele em uma semana ficar com uma menina, ele é o garanhão”. (grupo 4 misto, 18-24 anos)

“Antigamente mulher ganhava menos, hoje não. Hoje a mulher conquistou o espaço dela. Era muita discriminação contra mulher, hoje não. Mulher no trabalho é tudo igual”. (grupo 4 misto, 18-24 anos)

“Hoje em dia você vê mulheres cometendo coisas que homens fazem. Está muito bagunçado. A única diferença que eu vejo é do risco, é a fragilidade da

mulher e o abuso sexual em cima dela. Porque cometer delito e infrações, elas estão no mesmo patamar”. (grupo 5 misto, 25-29 anos)

“Mas tem desigualdade porque na empresa que eu trabalho tem funcionário com a mesma função que eu e a estatística é essa: o valor do salário deles é superior ao nosso”. (grupo 5 misto, 25-29 anos)

“Hoje em dia não tem diferença não. Antigamente tinha. Hoje a mulher ganhou o espaço dela na sociedade. Tem muita mulher motorista de caminhão, eletricista...”. (grupo 6 misto, 25-29 anos)

“Ganhou espaço na sociedade, mas tem muita gente que não reconhece isso...” (grupo 6 misto, 25-29 anos)

“A mulher é mais julgada por tudo o que a gente faz. É o que a gente aprende desde novinha. Ele pode sair, eu não. Ele pode trazer a namorada dentro de casa. Eu não vou poder trazer o namorado dentro de casa. Ele pode sair do jeito que ele quer, eu não”. (grupo 7 mulheres pardas/pretas, 18-24 anos)

“Eles podem fazer muita coisa que a mulher não pode. Eu acho que eu nunca vou ver um cara atravessar a rua porque tem um bar cheio de mulher, porque ele sabe que ele vai passar ali e as mulheres não vão mexer com ele. É muito desconfortável estar andando e se tem um bar cheio de caras, provavelmente vão fazer graça. Não vai me agradar, então sou obrigada a teoricamente atravessar a rua”. (grupo 7 mulheres pardas/pretas, 18-24 anos)

“As mulheres buscam mais cedo emprego para trabalhar. Elas têm mais isso: vou ser independente. Eu trabalho desde os 16 e meu irmão está com 19 anos e até hoje não procurou emprego”. (grupo 8 mulheres pretas, 18-24 anos)

“As empresas contratam os homens porque ele não vai ter filho. Minha patroa fica louca quando alguém fala para ela que está grávida. Tem uma coisa de preconceito ainda. E tem aquela coisa que fala que o salário de uma mulher não é a mesma coisa de um homem por causa do preconceito”. (grupo 9 mulheres brancas, 18-24 anos)

“Eu sinto que homem troca de mãe. Ela desde pequena é criada para cuidar: cuidar do homem, da roupa do homem, da comida do homem e do filho. Ainda é assim. Pode não ser radical igual antigamente, mas independente se a mulher trabalha fora ou não, dificilmente você acha um homem que cozinha. Quando cozinha, cozinha muito bem, mas dificilmente você acha. Então o homem meio que troca de mãe”. (grupo 9 mulheres brancas, 18-24 anos)

“A mulher se sair sozinha a noite corre o risco de ser estuprada. Agora, o homem sozinho andando no centro de madrugada não é tão perigoso”. (grupo 9 mulheres brancas, 18-24 anos)

No que toca às diferenciações de gênero, cabe registrar a recorrência nos grupos exclusivamente femininos (sobretudo no composto por mulheres autodeclaradas pardas e pretas) das expressões “guerreira”, “luta”, “batalhadora”.

“Futuramente eu quero olhar e falar ‘nossa, toda aquela luta que eu tive lá, porque tem dia que você senta e fala ‘não aguento mais’. Mas acorda no outro dia e fala ‘vou fazer e saber que valeu a pena. É isso o que eu quero!’”. (grupo 7 mulheres pardas/pretas, 18-24 anos)

“Eu me orgulho das mulheres que eu e minhas irmãs nos tornamos: nos tornamos mulheres batalhadoras, guerreiras”. (grupo 7 mulheres pardas/pretas, 18-24 anos)

5. PERCEPÇÕES SOBRE ESTUDO E TRABALHO

Interessante observar que ao longo das discussões foram feitas duras críticas à qualidade da educação pública na cidade. Entretanto, ao abordarem a sua experiência educacional e o significado da escola em suas vidas, as avaliações não são tão negativas.

Cabe destacar que, independente da experiência escolar, o sonho de muitos/as jovens é continuar os estudos rumo à universidade. Pode-se dizer que o projeto de vida de muitos/as deles/as (sobretudo das jovens mulheres) passa pela obtenção do diploma de ensino superior.

A continuidade da trajetória escolar também apareceu como um traço comum de jovens representantes de coletivos e movimentos sociais que participaram dos Grupos de Diálogo, uma etapa da pesquisa Juventudes Sul-americanas, coordenada pelo Ibase e Instituto Pólis.

“As coisas que eu mais prezo na escola, depois que a gente sai, são os amigos, os professores, tem várias professoras legais, é mais isso!”. (grupo 1 misto, 15-17 anos)

“Depois que eu saio da escola dá vontade de jogar uma bomba lá”. (grupo 1 misto, 15-17 anos)

“Eu pretendo continuar os estudos e fazer faculdade de medicina”. (grupo 1 misto, 15-17 anos)

“Eu já cheguei a estudar em escola particular e tem muita diferença com a pública. Na particular a gente vê que o ambiente da escola é mais limpo e vejo mais interesse do professor em dar aula”. (grupo 2 misto, 15-17 anos)

“Eu gostava da escola, mas não dos estudos. Eu não estudei em escola boa, então o que eu levo são mais as amizades”. (grupo 3 misto, 18-24 anos)

“A gente aprende a perder um pouco a vergonha com as apresentações que o professor manda fazer. Você perde o medo. Você aprende muita coisa que você vai usar”. (grupo 3 misto, 18-24 anos)

“Na minha classe são 65 alunos de chamada. O professor vai tentar dar aula e por causa da superlotação ele não consegue. Fica muita bagunça e ele não consegue dar aula”. (grupo 4 misto, 18-24 anos)

“Eu acho que desenvolvi a minha comunicação na escola, porque eu era muito solitária, não gostava de falar com ninguém. Desenvolvi a comunicação, foi bom falar com pessoas diferentes, se expressar”. (grupo 8 mulheres pretas, 18-24 anos)

“Na fase da escola, acho que foi difícil para mim porque eu aprendi a conviver com diversas opiniões, porque eu sempre fui de achar que minha opinião era a suprema de todas”. (grupo 8 mulheres pretas, 18-24 anos)

Como dado preocupante, mas já registrado em outros estudos – a exemplo da pesquisa Agenda Juventude Brasil –, a escola aparece como lócus privilegiado de discriminações, seguido do ambiente de trabalho. No caso da escola, são citadas ações discriminatórias e racistas praticadas não só por parte de alunos, mas também de professores.

O trabalho, por sua vez, figura como uma experiência bastante positiva na vida dos/as jovens entrevistados/as. Nesse caso, independente do grau de precariedade do trabalho realizado por alguns deles/as, o tom geral das falas ressalta o aprendizado proporcionado pela inserção no mercado de trabalho. O ganho de responsabilidade, a ampliação dos horizontes, as novas amizades e, obviamente, o prazer de ter dinheiro obtido pelo próprio esforço são comumente destacados.

“A experiência do trabalho é boa. Não só pelo dinheiro, mas para você ter uma responsabilidade. Não fica só o dia inteiro deitada, você tem seus compromissos. Então é uma sensação boa; sensação de ter responsabilidade com as coisas”. (grupo 2 misto, 15-17 anos)

“Minha experiência é a reponsabilidade e o gostinho de ajudar em casa também”. (grupo 2 misto, 15-17 anos)

“Você também recebe o seu dinheiro, você quer sair e não tem que pedir o dinheiro para os seus pais. Você pega e fala: ‘vou sair’, e pronto”. (grupo 2 misto, 15-17 anos)

“O trabalho é um aprendizado. Aprende a lidar com as pessoas, a forma de falar, aprende a ouvir mais, a ser responsável, independência também porque você tem o seu dinheiro. Aprende a dar valor para o dinheiro”. (grupo 3 misto, 18-24 anos)

“Você conhece muita gente bacana, troca experiências de vida...”. (grupo 3 misto, 18-24 anos)

“O trabalho é o início de tudo. Com ele eu vou conseguir buscar onde eu quero chegar. Ele é uma escola porque lá eu convivo com muitas pessoas. Então é bom para o seu crescimento”. (grupo 8 mulheres pretas, 18-24 anos)

“E lá você pode conhecer novas áreas. É um aprendizado. Aprende a ter responsabilidade, porque querendo ou não, você tem responsabilidade no serviço e tem que cumpri-las. Você também tem seu dinheiro, seu pai e sua mãe não vai mais te ajudar em tudo. Você vai ter que comprar as suas coisas, vai ter que aprender a gastar o seu dinheiro!”. (grupo 8 mulheres pretas, 18-24 anos)

“É por necessidade também, mas eu vejo mais como realização pessoal”. (grupo 9 mulheres brancas, 18-24 anos)

6. DIREITOS DA JUVENTUDE E ESTRATÉGIAS DE LUTA POR DIREITOS

“Eu falaria para o jovem se envolver com a política porque eu acho que seria legal. É o nosso futuro”. (grupo 9 mulheres brancas, 18-24 anos)

“Mandaria um recado para todos os jovens não desistir dos sonhos, ir em busca deles porque lutando a gente conquista e tudo vale a pena”. (grupo 7 mulheres pardas/pretas, 18-24 anos)

Quando indagados se conheciam o Estatuto da Juventude, muitos/as jovens declaram que o nome lhes é familiar, mas não sabem do que se trata. Ouviram falar dele na escola, ou na Fundação Casa, no Posto de Saúde, na TV. Por vezes confundem-no com o ECA.

No entanto, quando convidados a se posicionar sobre o que são os direitos da juventude os/as jovens tem muito a dizer. Obviamente, a educação sempre aparece encabeçando a lista. Atrás dela seguem o direito a livre expressão, direito ao trabalho, ao lazer, acesso à cultura, direito à autonomia/autodeterminação, direito de ser ouvido.

“Já ouvi falar disso, mas não sei exatamente o que é esse Estatuto; mas já ouvi falar na escola. No meu curso, às vezes tem uns debate sobre esse tipo de coisas”. (grupo 1 misto, 15-17 anos)

“Eu acho que o principal direito é educação igual para todos”. (grupo 3 misto, 18-24 anos)

“O direito de ir e vir porque muitos jovens não têm esse direito. Os pais acabam proibindo muito. Então acho que deveria ter o direito de ir e vir e de escolher aquilo que quer por livre e espontânea vontade”. (grupo 3 misto, 18-24 anos)

“Direito de ser ouvido. E não é só ouvir, é ser atendido. Por exemplo, você vai lá na Câmara dos políticos e diz: ‘eu quero assim e assim’. Eles vão te ouvir, mas depois que você sair da sala, já era. Então é ser ouvido e atendido!”. (grupo 3 misto, 18-24 anos)

“Acho que é a gente ter liberdade para falar o que quiser, expressar o que quer, liberdade de escolha”. (grupo 4 misto, 18-24 anos)

“Deveria ser garantido o primeiro emprego e respeito pelo jovem. Não ser tachado como criança, como insequente”. (grupo 4 misto, 18-24 anos)

“Direito de se expressar. A juventude tem muita coisa para por para fora, tem que deixar eles falar. Essa coisa da ocupação das escolas, o governo tem que escutar e não só ficar na ideia dos velhos (...) é sempre as pessoas velhas, as ideias antigas de sempre, não deixam o jovem ir tomando conta”. (grupo 6 misto, 25-29 anos)

“O jovem tem direito à educação de qualidade, saúde, acesso à cultura, a centros culturais, moradia, direito de fazer mais cursos”. (grupo 8 mulheres pretas, 18-24 anos)

Ao se posicionarem sobre os meios para alcançar as melhorias para a cidade e para o país, as opiniões se dividem entre ação direta e a atuação via redes sociais. Para alguns/as jovens, independente da estratégia acionada, a mídia convencional aparece como depositária do “grito do povo”, o que denota o poder de incidência política atribuído a esses veículos.

As manifestações de junho de 2013 enquanto vitoriosas no que toca ao congelamento da tarifa figuram como modelo de incidência política para alguns/as jovens. Nesse contexto, as mobilizações de rua são vistas como um meio de luta por parte dos/as entrevistados/as, mas com a ressalva de que elas devem ser pacíficas. É unânime a rejeição às práticas violentas, ao “vandalismo”, tidas como inoportunas e também amedrontadoras.

Por outro lado, o fato do preço da passagem de ônibus ter aumentado um ano e meio depois parece ter fragilizado a aposta nessa estratégia. Alguns/as jovens, em meio a certo desencanto com o alcance de tais manifestações, parecem apostar mais fortemente em ações que incidam diretamente no plano econômico. A proposta de greve geral, ainda que não mencionada como tal, se faz presente no horizonte de vários/as jovens entrevistados/as como forma eficaz de promover melhorias almejadas.

A aposta nas mídias sociais também apareceu com força juntos aos/as jovens entrevistados/as. Seu potencial, contudo, parece mais associado a sua capacidade de

disseminar e dar visibilidade a demandas ou como ferramenta convocatória para as manifestações de rua do que como instrumento efetivo de incidência e mudança social¹⁶.

“Sempre que você se reúne você tem mais força do eu ficar falando sozinha. As manifestações também ajudam, mas precisam ser pacíficas. Aquelas manifestações que saem quebrando tudo, não resolve”. (grupo 9 mulheres brancas, 18-24 anos)

“Parar a cidade. Porque eu acredito que os políticos são movidos a dinheiro. Vamos supor: vamos parar a cidade, ninguém produz, ninguém faz nada. Ai você vai estar tocando na ferida deles e eles vão ser obrigados a fazer alguma coisa, fazer uma mudança”. (grupo 9 mulheres brancas, 18-24 anos)

“Acho que a mídia, os blogs, os blogueiros eles estão ajudando bastante nessa questão de divulgar coisas que às vezes a gente não está muito a par. O canal do Youtube ajuda bastante. Você colocar nas redes sociais é uma coisa que espalha muito rápido, então isso é bom (...) vão compartilhando, quando vai ver já tem muitos acessos. Ajuda as pessoas a lutarem pelas mesmas coisas e quanto mais pessoas melhor”. (grupo 8 mulheres pretas, 18-24 anos)

O Face também ajuda a gente a achar as pessoas que estão pensando como a gente. É onde acontecem as manifestações. Tem o cara que tem a comunidade que tem mil, tem o outro que tem a comunidade de 5 mil e aí já junta tudo e vai para a rua. Mas tem que ser sem vandalismo, porque toda vez que tem manifestação acaba tendo vândalos e essas coisas dá mídia. Tem alguns até que recebem dinheiro de políticos para zoar mesmo, para mudar o foco do que é o movimento”. (grupo 8 mulheres pretas, 18-24 anos)

“Teria que ter um movimento de muitas pessoas porque só dão atenção quando tudo pára. A gente tem que se unir e parar. As pessoas tem que saber fazer a manifestação. Quando foi a manifestação da passagem, baixou o preço, mas depois foi a R\$ 3,50 e ninguém se incomodou. No caso do metrô, os homens que trabalham lá pararam. Só que assim você não prejudica quem está lá encima, você prejudica as pessoas aqui. Se eles deixassem as pessoas entrar no metrô gratuitamente, no mesmo dia eles iam resolver e ser atendidos. Catraca livre!”. (grupo 7 mulheres pardas/pretas, 18-24 anos)

¹⁶ Na pesquisa Agenda Juventude Brasil, quando solicitados a identificar quais as formas de atuação política mais eficazes para melhorar o país (listadas pela pesquisa), 45% dos entrevistados assinalam a participação em mobilizações de rua e ações diretas; 44% a atuação em associações ou coletivos que se organizam por alguma causa; 35% a atuação em conselhos, conferências, audiências públicas ou outros canais de participação desse tipo; 33% apontam a atuação pela internet opinando sobre assuntos importantes ou cobrando os políticos e governantes e 30% a atuação em partidos políticos.

“Acho que manifestação é o melhor deles. É um jeito de ser visto, um grito do povo. Os motoboys pararam a marginal e o governo ouviu e a lei ficou mais flexível”. (grupo 6 misto, 25-29 anos)

“A internet também, o Youtube. Eu fiz um vídeo da derrubada de árvores, mandei pra dois colegas e isso chegou no Facebook do parque dos búfalos. Os ambientalistas pegaram esse vídeo e chegou na Câmara está sendo rodado para não deixar construir os prédios”. (grupo 6 misto, 25-29 anos)

“Deveria parar São Paulo, não na hora de voltar para casa, mas na hora de ir para o serviço”. (grupo 4 misto, 18-24 anos)

“Passeata nem sempre é bem sucedida. Veja a da passagem que abaixou o preço e depois subiu. Acho que pela internet é uma boa porque é o que todo mundo tem acesso agora, tendo dinheiro ou não. É um meio fácil de chegar a qualquer lugar. O que você posta agora, daqui a pouco o mundo inteiro já viu, aparece no jornal. O mundo hoje é pela internet, comunidade, Facebook”. (grupo 3 misto, 18-24 anos)

“Acho que o melhor meio é fazer com que a cidade pare todo o funcionamento dela, tanto de trabalho, quanto de ruas, rodovias. É paralização. É fazer greve que nem dos motoristas de ônibus que a cidade parou com a greve deles e aí eles atenderam o pedido dos motoristas”. (grupo 2 misto, 15-17 anos)

“Acho que manifestação que eles fazem na internet gera mais repercussão do que essas da rua. É como manifestação de rua, mas gera mais lbope. Chega na mídia”. (grupo 1 misto, 15-17 anos)

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse texto certamente não abarca toda a riqueza das informações levantadas nas 18 horas de escuta sobre as percepções e as vivências de jovens moradores das longínquas periferias paulistanas. Em alguns momentos exagerei propositadamente nos textuais na expectativa de que o/a leitor/a possa adentrar no universo dos/as jovens em relação a determinado tema em foco.

O tom das falas aqui registradas dá a dimensão da gravidade da situação vivida pelos/as entrevistados/as no seu dia-a-dia, ao mesmo tempo em que sinaliza avanços no que toca à atitude/reação de alguns/as jovens diante do preconceito racial e às múltiplas discriminações a que estão sujeitos/as. O grau de mobilização dos entrevistados ao discorrer sobre tais experiências traz indicações de que o racismo e as discriminações vivenciadas pelas juventudes figuram como temas de grande potência, capaz de fazer aflorar solidariedades e possibilitar diálogos profícuos entre juventudes (organizadas e não organizadas) em torno dessa pauta, somando esforços para reverter a situação de exclusão em que se encontram amplos segmentos juvenis e fazer avançar a luta pelo pleno exercício dos direitos da juventude.

8. BIBLIOGRAFIA

ABRAMO, Helena, (Coord.); SOUTO, Anna Luiza Salles, (Coord.). Pesquisa sobre juventudes no Brasil. Relatório Nacional Brasil – Projeto Juventudes sul-americanas: diálogos para a construção da democracia regional. 2009. 141p. (disponível em: www.polis.org.br)

Agenda Juventude Brasil – Pesquisa Nacional sobre Perfil e Opinião dos Jovens Brasileiros. 2013. Relatório disponível em <http://juventude.gov.br/participatorio>

Emicida: "Pior coisa é você perguntar as horas, e a pessoa esconder a bolsa" - Geledés <http://www.geledes.org.br/emicida-pior-coisa-e-voce-perguntar-as-horas-e-a-pessoa-esconder-a-bolsa/#ixzz42vnmbeMK>

Feltran, G. Transformações sociais e políticas nas periferias de São Paulo, in Kowarick, L. e Marques, E. (orgs). São Paulo: Novos Percursos e Atores. São Paulo. Editora 34, 2011. 398p.

Freitas, Felipe da S. Juventude Negra: qual é mesmo a diferença?. Esse texto compõe um livro com artigos sobre os resultados da pesquisa Agenda Juventude Brasil (no prelo).

Guimarães, Ângela. Dilemas da vivência da juventude negra no Brasil, in Papa, Fernanda de C. e Freitas, Maria Virgínia (orgs) Juventude em Pauta: políticas públicas no Brasil. 1ª ed. São Paulo. Ed. Peirópolis. 2011. 368p.

IBASE/PÓLIS. Juventude e integração sul-americana: caracterização de situações-tipo e organizações juvenis (Relatório Nacional). Rio de Janeiro. Ibase, Pólis, 2007.

Pesquisa Perfil da Juventude Brasileira – Instituto de Cidadania e Fundação Perseu Abramo – 2003, in Retratos da Juventude Brasileira. São Paulo. Instituto de Cidadania, Editora Fundação Perseu Abramo. 2005. 447 p.

Kowarick, L. e Marques, E. (orgs). São Paulo: Novos Percursos e Atores. São Paulo. Editora 34, 2011. 398p.

Mapa da Juventude da Cidade de São Paulo. Unicamp/SMDHC- Prefeitura de São Paulo. 2014. Disponível em <https://www.portaldajuventude.prefeitura.sp.gov.br/noticia/mapa-da-juventude-de-sao-paulo/>

Novaes, Regina e Ribeiro, Eliane. “Grupos Focais, considerações sobre usos, alcance e limites de uma técnica de pesquisa” – mimeo.

SEADE – Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados.